

Alcino Ferreira

Carlos Azevedo

Clemente Lizana

Francisco Cock Fontanella

José de Anchieta Corrêa

José Lima Jr.

Marcelo Gustavo Andrade de Souza

Regina Coeli Freitas dos Santos

Sandra Duarte de Souza

Sérgio Marcus Pinto Lopes



**Corpo & ética**

# 9<sup>a</sup> JORNADA ECUMÊNICA



## PROMOÇÃO

**Cebi, Ceca, Cediter, Cese,  
Cesep, Clai Brasil, Conic,  
GTME, Unipop, Koinonia**

## **O sonho ecumênico Diversidade e comunhão Humanidade reconciliada**

**11 a 14 de julho de 2002  
Mendes, RJ**

Em 1994 (1<sup>a</sup> Jornada Ecumênica), grandes transformações que aprofundavam o abismo entre ricos e pobres já estavam ocorrendo no mundo. Conflitos culturais, sociais, econômicos e religiosos propunham novos desafios ao movimento ecumênico.

Passados sete anos, quais são as questões que permanecem?

Onde estão e como atuam pessoas e grupos preocupados em ampliar os espaços do diálogo ecumênico?

Será que esse diálogo tem ultrapassado os limites institucionais?

Como se pode dar nos dias de hoje a unidade dos cristãos, a unidade com aqueles que lutam pela justiça, a paz e a integridade da criação e a unidade no diálogo inter-religioso?

**INSCRIÇÕES ATÉ 30 DE ABRIL DE 2002**  
pelo telefone (21) 2224-6713 ou  
pelo e-mail [jornada@koinonia.org.br](mailto:jornada@koinonia.org.br)  
pelo site [www.koinonia.org.br/jornada](http://www.koinonia.org.br/jornada)

**CONSELHO EDITORIAL**

Emir Sader  
Francisco Catão  
Joel Rufino  
Maria Emilia Lisboa Pacheco  
Maria Luiza Rückert  
Sérgio Marcus Pinto Lopes  
Yara Nogueira Monteiro  
**CONSELHO CONSULTIVO**  
Carlos Rodrigues Brandão  
Ivone Gebara  
Jether Pereira Ramalho  
Jurandir Freire Costa  
Leonardo Boff  
Luiz Eduardo Wanderley  
Rubem Alves

**EDITOR**  
José Bittencourt Filho

**ORGANIZADOR DESTE NÚMERO**  
Rafael Soares de Oliveira

**COLABORAÇÃO ESPECIAL**  
Sérgio Marcus Lopes

**EDITORA ASSISTENTE E**  
**JORNALISTA RESPONSÁVEL**  
Helena Costa  
Mtb 18619

**EDITORA DE ARTE**  
E DIAGRAMADORA  
Anita Slade

**COPIDESQUE E REVISOR**  
Carlos Cunha

**SECRETÁRIA DE REDAÇÃO**  
Mara Lúcia Martins

**CAPA**

Painel da exposição *Zumbigos*, de Sonia Lins, no Museu Nacional de Belas Artes, RJ

**PRODUÇÃO GRÁFICA**  
Roberto Dalmaso

**FOTOLITOS**

GR3

**IMPRESSÃO**  
Reproarte

Os artigos assinados não traduzem necessariamente a opinião da Revista.

Preço do exemplar avulso  
R\$ 3,50

Assinatura anual

R\$ 21,00

Assinatura de apoio

R\$ 28,00

Assinatura/exterior

US\$ 50,00

ISSN 0103-569X

**KOINONIA**

**Narconegócio, dependência e violência: desafio permanente**

**6**

**CORPO & ÉTICA**

**ESPELHO**

**Corpo, invenção de minha história**

**7**

José de Anchieta Corrêa

**AUTO-ACEITAÇÃO**

**Ecumenismo e corpo**

**11**

Sérgio Marcus Pinto Lopes

**PERSISTÊNCIA**

**Resgatar o humano**

**14**

Francisco Cock Fontanella

**LIAME**

**Umbigo, substantivo feminino**

**17**

José Lima Jr.

**RELATO**

**Corporeidade, ternura e alegria**

**20**

Alcino Ferreira e Clemente Lizana

**CICATRIZES**

**Corpo de mulher e violência simbólica**

**23**

Sandra Duarte de Souza

**CORPALMA**

**“...metades complementares...**

**26**

**desumanos por inteiro...”**

Regina Coeli Freitas dos Santos

**TEOLOGIA**

**Caminho da Torre, caminho das aldeias**

**28**

Ivone Gebara

**REALISMO**

**Educação, diferença e tolerância**

**30**

Marcelo Gustavo Andrade de Souza

**CENSURA**

**Meios de comunicação: armas de guerra**

**34**

Carlos Azevedo

**ÍNDICE DE TEMPO E PRESENÇA**

**Índice 2001**

**37**

**DIGNIDADE HUMANA E PAZ**

**Para superar a violência**

**39**

**RUBEM ALVES**

**Corpus Christi**

**41**

## **Vivenciamos, sobretudo após a decretação**

*da total hegemonia do mercado total, uma autêntica idolatria do corpo. Os apelos ao consumo, explícitos e/ou subliminares, difundidos com grande talento pelos mecanismos publicitários, com teor individualista, hedonista e narcisista, hipertrofiam a dimensão corporal da existência. Diretamente proporcional ao prestígio diminuto da Razão, fruir o corpo e suas potencialidades torna-se uma imposição para as massas sob a égide da cultura midiática. Mesmo no plano simbólico e subjetivo, a vasta literatura circulante veicula discursos que enfatizam o autoconhecimento por meio da sexualidade, das terapias alternativas e dos exercícios físicos.*

*Considerando a alienação cada vez mais profunda do trabalho, pode-se afirmar que os cuidados com o corpo, além dos resultados positivos em termos orgânicos, pelo menos de forma simbólica, pode representar um protesto contra o caráter alienante do trabalho. Por outro lado, o individualismo pode converter essas ênfases corporais numa panacéia, num instrumento absoluto de invenção e reinvenção da felicidade. A revalorização do prazer acaba por se configurar como uma espécie de culto ao corpo, segundo a qual não existiriam limites para a auto-realização pela via corporal. A par disso, expandem-se poderosas e lucrativas indústrias que vão desde os materiais esportivos até os medicamentos 'alternativos'. Ademais, essa postura de supervvalorização do corpo induz as pessoas a se pensarem como indivíduos cuja animalidade precisa manifestar-se, em contraposição à sociedade, à civilização e sobretudo à história. É como se a pretensa retomada de vínculos com a natureza fosse o bastante. Portanto, segundo essa lógica, os aspectos racionais e sociais deveriam ceder espaço aos instintos.*

*Nos fundamentos de nossa civilização existe a noção de que a repressão ao corpo (prazer) seria o único caminho para a vitória do espírito. Há muitos séculos tal premissa deixou de ser apenas religiosa. Através dos tempos, essa 'morte' do corpo em benefício do espírito tem sido amplamente utilizada pelas classes dominantes e dirigentes para manter o controle social. A corporalidade em curso inverteu essa proposição elegendo o prazer narcísico como o único caminho da felicidade, e a razão como sua principal adversária. No entanto, sabe-se que a genuína convivência humana necessariamente comporta sacrifícios e renúncias, insuportáveis segundo essa perspectiva. Assim, trata-se do mesmo dogmatismo anterior, tão unilateral e intolerante quanto, apenas com sinal invertido.*

*Contudo, toda essa análise não descarta o fato de que na prática de certos grupos, ávidos por mudanças e inteiramente dedicados às transformações sociais, a questão do corpo nunca foi satisfatoriamente equacionada. Não se trata de buscar algum receituário para a solução desse problema, mas, em face do quadro complexo em que nos encontramos inseridos, trata-se de retomar essa reflexão a partir de novas bases: urge estimular o encontro do ser humano consigo mesmo na redescoberta do outro. Ao propósito de subsidiar e incentivar tal discussão o presente número encontra-se dedicado. Façam bom proveito!*

KOINONIA é uma instituição ecumênica assim como ecumênica é a alegria, a paz, a construção, a liberdade e também a tristeza, o medo, a destruição, o esmagamento da vida. No conjunto dos servidores, KOINONIA tem representantes dos que crêem (católicos, protestantes e outros) acima de tudo, no Deus da Vida, da Justiça e da Paz, e ainda representantes de entidades ecumênicas e do movimento social. Pela solidariedade e pela dignidade; contra quaisquer expressões da exclusão e da submissão humana, KOINONIA (em grego, comunhão) afirma seu compromisso radical ecumênico e quer fazer-se sempre presença e serviço.

**Biblioteca - Koinonia**  
(X) Cadastrado  
(X) Processado

# CARTAS

As irmãs e irmãos de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço,

Paz e Bem!

Muita paz e muitas realizações na missão que exercem. Possamos sempre colaborar na construção da paz e da irmandade universal, como nos ensinaram Francisco e Clara de Assis. E que o encontro de todas as lideranças hoje, orando em favor de paz, nos fortaleça na caminhada a favor da vida.

Agradecida pela atenção. O abraço de paz e bem.

*Maria Diva Schiochet*

Joinville/SC

Prezados irmãos de KOINONIA:

Agradeço desde já a iniciativa de mandar-me a edição deste ano da revista TEMPO E PRESENÇA, embora não tenha renovado minha assinatura da revista. Foi o desemprego. Sou formado em teologia e sociologia. Porém, com o desajuste do capitalismo, estamos sendo penalizados com o desemprego. Minha família também tem dificuldades econômicas. Por outro lado, como pastor, faço um trabalho com a juventude e adultos do bairro, procurando formar a consciência cidadã deles. Estou afastado das atividades da igreja batista porque não acredito mais na cúpula da mesma, pois são indiferentes às injustiças sociais.

Vivo minha fé no Reino de Deus no meio do Povo alimentado pela leitura teológica da Bíblia, pela meditação e pela esperança na justiça do reino. Assim posto, agradeço mais uma vez pelo envio da revista, e, quando con-

seguir trabalho, renovarei minha assinatura.

Fraternamente em Cristo Jesus.

PS: Vocês poderiam fazer uma matéria sobre os Pais da Igreja e os grandes místicos que deixaram um grande legado de ensino e patrimônio religiosos à humanidade. Pessoas como Irineu, Clemente, Basílio, Síleus, Agostinho, Santa Teresinha, São João da Cruz, Mestre Eckhart, Lutero... deixaram ensinos que podemos utilizar na nossa pastoral e na nossa formação. A revista poderia dedicar pelo menos duas páginas a eles, e, assim, teríamos acesso a eles sem interrompermos a matéria principal da revista.

*Walter Costa Lins*

Jaboatão dos Guararapes/PE

Renovamos com gosto nossa assinatura da revista TEMPO E PRESENÇA. Parabéns por seu trabalho e pela ajuda que nos oferece nos aspectos de informação e da reflexão em questões de atualidade. Apenas lamentamos nossa falta de condições de contribuir mais em apoio à revista. Gratos.

*Rose*

Taboão da Serra/SP

Pessoal de KOINONIA

Quero parabenizá-los pelo conteúdo, aprofundamento, questionamentos que a revista TEMPO E PRESENÇA faz.

Continuem assim! Todos só temos a ganhar. Parabéns.

*Padre José de Anchieta Moura Lima*

Juiz de Fora/MG

## ERRATA

O organizador da edição 321 é Jorge Atílio Silva Iulianelli.

# Narconegócio, dependência e violência: desafio permanente

Algumas vezes as novelas abordam temas candentes. O tema da drogadicção e do narconegócio é um desses. O adito, drogado, é alguém que se tornou dependente do uso dos tóxicos. Há muitos e variados tipos de dependência. Em relação às drogas há dependências a drogas aceitas legalmente, e a drogas ilegais. Em ambos os casos, a pessoa dependente merece uma atenção especial da sociedade. Vale lembrar, como faz, por exemplo, Gilberto Velho, que nem toda pessoa que usa drogas se torna dependente. Há muito que se fazer, muito que se investigar. A ênfase no tratamento dos toxicômanos é muito rica, sem dúvida as famílias e as pessoas drogadas, por drogas lícitas e ilícitas, se vêem extremamente fragilizadas. São pessoas muito mais assadas pelos males da sociedade que as outras que estão enfrentando somente a droga da ausência de políticas públicas sociais.

Todavia, o tema do narconegócio é extremamente complexo. Do ponto de vista político ele tem que ver com duas situações: (1) a interferência nos aparelhos de poder, nos governos e (2) a construção de redes de poder local. Não poucas vezes as duas dimensões andam juntas. Qual a importância de personagens do narcotráfico nos aparelhos de poder, na burocracia estatal, no parlamento? As malhas da corrupção alimentam o narconegócio como *fonte de poder e prestígio*. Ele traz dinheiro, dinheiro paga campanhas políticas, campanhas elegem candidatos! Várias vezes o instituto Ethos chamou a atenção para que existisse maior regulamentação do financiamento de campanhas

eleitorais. Obviamente, essa regulamentação e monitoramento públicos não devem se dar apenas devido ao dinheiro do narconegócio. Porém, ele é um elemento que praticamente exige que tal regulamentação fosse criada.

Igualmente perniciosa é a construção de redes de poder local a partir das tramas do narconegócio. Poder local é aquele nó de relações, que acontece nos bairros, nas cidades, ou, em cidades menores, entre os diferentes segmentos da sociedade local. Ele depende dos agentes sociais: a associação de moradores, o sindicato, o núcleo do partido, o administrador público regional, o cabo eleitoral e os representantes do crime organizado. Cada vez mais estes últimos agentes se fazem mais visíveis. A criminalidade sempre aparecia como um setor menos visível da vida pública. Hoje, a presença da criminalidade está associada, sobretudo, às estruturas produtivas e distribuidoras do narconegócio. A distribuição gera o recurso que é reinvestido na produção: esse é o círculo *virtuoso* de qualquer produto comercializado na sociedade capitalista. A cadeia produtiva das drogas faz circular a cifra de 411 bilhões de dólares no mundo.

O narcotráfico não está fora das, assim chamadas, leis de mercado. Se há procura, há oferta. No capitalismo, a procura por mercadorias não é fruto da necessidade. É uma *necessidade construída*. As pessoas compram as bugigangas não porque precisem delas, mas porque há uma compulsão ao consumo, e não há dúvidas de que existe algum prazer em consumir. Não precisamos ser hedonistas para admitir que ter pra-

zer é agradável. E o capitalismo e as regras do mercado conhecem isso muito bem. As pessoas compram uma TV com uma tela maior, por quê? Não se viam imagens em TV com tela menor? E televisores de alta definição? E reprodutores de imagens como os DVDs? Por quê? É necessário substituir os reprodutores de fitas de vídeo? A lógica da produção e consumo de drogas é a mesma. É por isso que a indústria de bebidas alcoólicas, de cigarros e estimulantes prolifera e enriquece. Bebidas alcoólicas, cigarros e ansiolíticos são drogas! Apenas, são drogas lícitas.

O ilícito não é uma questão cultural, é uma questão de mercado. Não é suficiente a posição moralista da condenação ao consumo por que ele provoca malefícios às pessoas. A atitude necessária de solidariedade com as pessoas e as famílias que sofrem o mal das drogas, sim. Um passo mais tem que ser dado: a ampliação da discussão pública sobre a questão. Os aspectos econômico, político, cultural e social devem ser tratados conjuntamente. Precisamos romper o silêncio sobre o tema das drogas. Não basta discutir o uso, o consumo, é necessário discutir a cadeia produtiva (produção-distribuição-consumo), o investimento lícito com o dinheiro das drogas (lavagem de dinheiro – que faz circular um trilhão de dólares no mundo), a interferência nas decisões de políticas públicas (segurança, saúde, lazer), as relações internacionais (a quem interessa a guerra às drogas?). Vida, sim! Drogas, enriquecimento ilícito, narcopolíticos... Não!

# Corpo, invenção de minha história

José de Anchieta Corrêa

Escondida atrás dos dualismos corpo/alma, fisiologia/psicologia, material/espiritual pode-se encontrar uma expressão de má-fé a nos enganar e enganar a outros, e separamos sentido/gesto, intenção/ação, como uma palavra ainda não revelada atravancada na garganta. Dimensões pró-vida e dimensões pró-morte. A síntese "meu-corpo" poderá inviabilizar os clones humanos? Ler se impõe



uase sempre quando nos propomos refletir ou pensar sobre o corpo, esse espelho do nosso ser, somos inevitavelmente presos nas malhas do dualismo, ou seja, nos perdemos entre pares de opostos: corpo e alma, corpo e consciência, fisiologia e psicologia, mundo material e mundo espiritual. Esse aprisionamento entre conceitos opostos, vigente até nossos dias, é a expressão mais generalizada e arraigada da cultura ocidental presente em nosso modo de ver e dizer o que seja o corpo: herança, na mais das vezes, irrefletidamente assumida e portadora de uma eficácia tal que impossibilita o acesso à compreensão do corpo enquanto totalidade viva, corpo-próprio. Por essa via nos tornamos incapazes de compreender o corpo seja como espaço-afetivo, suporte de meus projetos e tarefas, seja como lugar do desejo em busca de outro corpo e, acima de tudo, em busca de outro desejo, ou seja, na qualidade de linguagem que me diz dizendo o mundo e assim é capaz de me dizer ao outro.

As dificuldades e obstáculos para sair desse impasse ficam superdimensionados ao nos situarmos na perspectiva do discurso científico. As diferentes conceituações científicas, fruto de

metodologias especializadas falam do corpo tomado como partes separadas. Separadas primeiro, e sobretudo, do sujeito que as conhece. Como bem diz o filósofo, a ciência é sempre um "saber de sobrevôo", vê sempre as coisas de longe por mais possantes que sejam os instrumentos de aproximação do objeto a ser visto colocados a sua disposição. O corpo, objeto da ciência, será sempre para o cientista algo fora de si, um manipulando que ele domina, ou poderá um dia vir a dominar, mas que jamais será por ele habitado com medo de perder a eficácia e a certeza requeridas por sua postura dita objetiva. O saber científico termina, assim, por excluir toda subjetivação do conhecimento acerca do corpo. A postura científica anseia tudo transformar em 'objeto em geral', algo que não é dito nem tem existência em primeira pessoa. Assim procedendo, o corpo vivo, meu-corpo, do qual é questão fundamental falar, lhe escapa. Todavia, não preciso de palavras para saber o que a provação diária me ensina: meu-corpo é impregnado de subjetividades posto ser o lugar onde a história de cada homem se faz na alegria e na dor, na invenção de cada dia.

Na atualidade o tema do corpo volta de maneira inusitada nos debates que tratam das maravilhosas descobertas

do Código Genético, sobretudo quando tomadas sob o viés biotecnológico que torna possível falar e imaginar a capacidade de repetição, de duplicação de um ser humano. Esse fantástico saber/fazer, já comprovado no tocante a ovelhas e ratos, torna-se uma enganosa proeza propalada pela mídia, tal como através da novela cujo sugestivo nome é *O Clone*. A duplicação de um corpo-fisiológico, de fato, está hoje no horizonte de possibilidades da biotecnologia. Mas, mesmo quando, em futuro próximo, a ciência, comprovada e seguramente, dominar todo o processo de duplicação do corpo biológico de um homem, jamais haverá duplicado o irreproduzível, o único, aquela realidade que faz a singularidade da história de cada indivíduo. Temos, no máximo, simulacros de um corpo-biológico, arremedos aparentemente perfeitos de um ser humano, mas jamais uma cópia, um duplo que atualizará modos de amar ou de odiar que se disporá até a dar sua própria vida por certos ideais e crenças. Jamais reproduziremos um mesmo ser que contará e se lembrará, com a emoção reconhecida, das histórias de seu avô, que se alegrará ou chorará com os mesmos entes queridos vivos ou um dia perdidos ou buscará de si amores que alegraram a vida de seu duplo. Há sempre um significante que jamais deserta do corpo do homem para vir habitar um duplo.

Voltemos a questões de ordem mais especulativa e filosófica que nos dificultam compreender e falar do corpo como subjetividade encarnada, corpo-vivo, corpo-sujeito ou meu-corpo, tal como o filósofo francês Merleau-Ponty cunhou o conceito. A filosofia ocidental nos legou o conceito forte de natureza para falar das coisas que exis-



tem e designar o fundamento donde tudo provém. Ao falar de todos os seres que constituem o universo dizemos simplesmente 'da natureza'. Assim falamos de uma natureza animal e falamos de uma 'natureza humana'. Todavia, para dar conta do que na natureza humana há de específico ante o animal acrescentamos a racionalidade, dizendo animal-racional. Ser portador de razão, é em princípio, o que difere o homem dos animais. A razão recebeu outros nomes tais como alma, espírito, *logos*, para melhor designar a presença no homem de algo que está para além do mundo material e simplesmente animal. Algo da ordem do imaterial, algo parente do divino.

Daí surgem as grandes interrogações quanto a essa natureza portadora de razão: corpo e alma são naturezas diversas e separadas e se o são o que as une? O que permite a passagem, a comunicação de uma à outra? Existe interação entre as duas ordens, ou essa alma está apenas envolvida, escondida, servindo-se da estrutura material corpórea para se manifestar? De qualquer modo é a presença de uma dualidade no homem que é de novo posta em questão. E as dificuldades já acima referidas ganham novas dimensões ao ser atribuída à natureza animal presente no homem, ao corpo-matéria, toda a sorte de características negativas: corruptível, enganador, fonte de males: dor, pecado, envelhecimento. Interrogações e dificuldades para as quais a história do pensamento, quase sempre apresentou respostas insatisfatórias, exceção feita à vivência e à linguagem dos artistas e místicos, que aqui não cabe discutir.

Essa dualidade, presente na cultura desde a Antigüidade, é reforçada na filosofia moderna a partir de Descar-

O corpo, objeto da ciência, será sempre para o cientista algo fora de si, um manipulando que ele domina, ou poderá um dia vir a dominar, mas que jamais será por ele habitado com medo de perder a eficácia e a certeza requeridas por sua postura dita objetiva

tes, quando se dá primado à consciência ou ao *cogito* sobre o mundo, operando um corte entre a consciência e o mundo, o inteligível e o sensível, o eu e o outro, a quantidade e a qualidade. Estabelecido o privilégio do mundo das idéias, essas dicotomias tornam-se irrecusáveis. O homem é instalado no interior da consciência e como um imperador em seu império, a tudo nomeia e a tudo representa. Todavia o próprio Descartes permanece fascinado pelo trabalho silencioso do corpo e pela opacidade do mundo corporal que recusa se submeter ao domínio das idéias claras e distintas. Mas então, como fica a unidade do homem corpo-mente? Como se efetua a passagem de um ao outro? Passagem obsessivamente buscada, bastando lembrar o esforço de Descartes para encontrá-la na glândula pineal. Todavia, enquanto no universo do pensamento filosófico, o Ente Supremo permanecer como o fiador da possibilidade de produção da certeza e da verdade, essa dicotomia será de algum modo camouflada. Só no Século das Luzes, com Kant, a separação assim operada entre a consciência e o mundo, ou melhor, entre a sensibilidade e o entendimento é de fato posta a nu. A leitura do mundo agora só é possível submetida ao paradigma newtoniano através de uma leitura matemática do mundo. Por essa via, a leitura da rea-

lidade do mundo só me é dada pela repetição da ordem, da identidade, numa palavra, revestida da idealidade da razão matemática. Como, então, tratar da diferença, da espontaneidade, da desordem, da inventividade próprias ao mundo da vida, e presentes, de modo particular, na corporalidade?

Sob essa perspectiva de incomunicabilidade entre essas duas ordens – a sensibilidade e o entendimento – decreta-se a incapacidade de se pensar a totalidade do corpo animado. Para superar a dicotomia instalada, será preciso buscar recuperar as origens, lá onde se encontra unidade verdadeira entre a sensibilidade e o conceito. Na história do pensamento, um dos caminhos encontrados para sair desse impasse surge quando se concebe a consciência como intencionalidade, ou seja, não mais separada do mundo mas freqüentando-o. Agora, enfim, se poderá dizer que "o pensamento passa pela língua". Então, compreenderemos que só sabemos algo de fato quando meu pensamento freqüenta meu corpo. É comum ouvir em classe, o aluno dizer "professor eu sei, mas não sei dizer". Puro engano. Pois só sabemos algo na medida em que o pensamento se torna gesto, vem habitar o corpo, passando não só pela boca, mas pelos pulmões, coração, vísceras e, por que não, pelo sexo. Compreender as relações, o dinamismo desse encontro, desse laço,

nos levará, então, a identificar o homem com seu próprio discurso. Mas, à medida que o homem diz e dá a dizer, será preciso igualmente afirmar a não-transparência do discurso a quem o anuncia. Essas reflexões nos levarão a repetir com o filósofo que “não há natureza humana na qual possamos nos repousar.” Somos, de fato, história, invenção, tarefa continuamente exercida ante o outro, no comércio com o mundo.

Cabe, pois, tirar, as consequências do fato de saber que somos uma história encarnada no encontro ou desencontro de outras histórias encarnadas. De tal forma que a razão acima referida como o diferencial do animal-homem não mais será pensada como universal, individual e dada a cada homem, mas deverá ser pensada e realizada como histórica e social, numa palavra, tarefa de cada homem.

Mas, por que, então, o dualismo acerca da realidade humana, que faz pensar e tomar o corpo separado da mente, volta sempre a freqüentar nossa cultura? Por que sempre falar do corpo, reduzindo-o à matéria, à ordem, ao dado objetivo, cegos para a realidade do corpo-vivo ou de meu-corpo? Por que o senso comum tem tanta dificuldade de abandonar e superar esse dualismo? Por que manter visões separadas – espiritualismo e materialismo – acerca do corpo-próprio e da própria realidade do homem quando nos sabemos todo animal e todo racional?

A experiência cotidiana de cada um de nós dá testemunho dessa persistência de modos de ser, de pensar e de dizer e agir, separados no tocante à realidade do corpo. É bem verdade que para nos enganar ou enganar ao outro operamos com freqüência e astúcia a separação do sentido e do gesto, da

Jamais reproduziremos um mesmo ser que contará e se lembrará, com emoção reconhecida, das histórias de seu avô, que se alegrará ou chorará com os mesmos entes queridos vivos ou um dia perdidos ou buscará de si amores que alegraram a vida de seu duplo

intenção e da ação, do dizer e do fazer, do prometer e do cumprir. Nessas ocasiões estamos no mundo da má-fé. Má-fé, pois, em algum lugar e de algum modo somos conscientes dessa duplicidade. Verdade é que, para além da simples má-fé, podemos estar presos a uma operação inconsciente, divididos, sem possibilidade de acesso ao sentido proferido por nosso dizer e comportar. A psicanálise nos ensina existir aí uma palavra ainda não revelada a impedir nossa garganta de dizê-la. Palavra não-dita que, de algum modo, o corpo, em algum lugar, é condenado substitutiva e perversamente a proferir. Ensina ainda que essa unidade perdida, pode ser recuperada por meio de um outro sujeito, o qual, escutando esse recalcado, é capaz de nos levar a dizê-lo. Quando então, tal como aquela paciente em final de análise, poderemos enfim dizer “eu sempre soube isto”, ou seja, isto estava inscrito no meu corpo, na minha história.

Se somos história é tarefa nossa buscar e realizar sempre, em todo lugar e tempo, essa síntese – meu-corpo – testemunha de nossa humanidade. A rigor, o propriamente humano nada mais é que o que fazemos com a herança biológica, cultural e espiritual proporcionada por nossa vida. De qualquer modo, essa síntese a ser construída será sempre uma síntese inacabada, eivada de déficit, projeto

sempre trespassado por limites. É ocioso lembrar que na doença física e/ou, sobretudo, na doença moral ou espiritual surgem dificuldades e até impossibilidades momentâneas de construção da síntese desejada, reforçando ou restabelecendo a divisão que somos convidados a superar. Não há dúvida também de que, na maioria das vezes, escolhemos permanecer divididos, vivendo seja na hipocrisia ou na mentira, enganando a nós mesmos e operando, propositadamente, uma divisão entre a palavra e o gesto, a significação e a ação. Assim fazendo nos instalamos numa perspectiva de morte e de dor. Mas se optarmos pela vida e pela alegria na invenção dessa síntese – meu-corpo – estaremos a contribuir para a construção de uma melhor história possível em nosso espaço e tempo.

3

José de Anchieta Corrêa, doutor em Filosofia.

# Ecumenismo e corpo

Sérgio Marcus Pinto Lopes

Excetuando questões de gênero e problemas com a fome, o Movimento Ecumênico, não tem trabalhado o *corpus ecumenicum* devidamente. Este é caracterizado por um corpo que se auto-aceita e que é capaz de acolher o outro corpo auto-aceito

 or que será que o mundo ecumênico tem dificuldade em falar sobre corpo? É difícil aceitar que isto se dê. A maioria das pessoas dirá que isto nem acontece. Mas o fato é que – reconhecidas as significativas exceções – são relativamente poucas as iniciativas no espaço do ecumênico que deliberadamente visam provocar reflexões sobre o tema da corporeidade. Por muito que este seja um tema da atualidade no campo das ciências que trabalham o social, o *corpus oecumenicum* é ainda campo inexplorado. Por quê? As reflexões que seguem arriscam algumas hipóteses.

As questões sobre que o ecumenismo convoca a refletir e que o tornam uma verdadeira aventura forçam a travessia de regiões variadíssimas mas que possuem uma característica que lhes é comum: a controvérsia. No campo do religioso uma porção de fatores

cria posicionamentos divergentes ou opostos: as opiniões sobre a divindade, sobre o que é sagrado ou não, sobre o proibido e o permitido, ou sobre inúmeras outras dimensões de crença. Conviver com pessoas e instituições que adotam posições assim controvértidas nunca é fácil. Enquanto tais questões dizem respeito a idéias, discursos e definições teóricas, objetivamente discutíveis, o experimento em convivência poderá ser difícil, mas não intolerável. No mundo da experiência plural entre as diferentes culturas – incluindo as teologias – as pessoas já se acostumaram a debater suas diferentes concepções e a conviver umas com as outras. O próprio Vaticano – recorda Francisco Catão –, extremamente convicto de que trabalha com a base mesma da verdade, já adotou uma *visão positiva do pluralismo, o reconhecimento e respeito de todas as expressões religiosas como válidas e significativas para os homens que nelas crescem e têm plena possibilidade de se realizar humanamente, da atividade missionária, que consiste no anúncio de Jesus Cristo salvador, sem que se tenha o direito de ferir em nada o respeito e a consideração devidas às outras culturas e religiões*.

No entanto, quando se trata do tema do corpo, a situação é diferente. Não que os projetos ecumênicos – das igrejas, de organismos, de indivíduos – ignorem o corpo. Ao contrário, todos – ou quase todos – indicam sua preocupação com ele na medida em

que criam programas de bem-estar social, socorrendo crianças, adolescentes, idosos, famintos, sem-teto ou sem-terra, ou apoiando e mesmo promovendo movimentos que procuram mudar as estruturas econômicas ou políticas da sociedade, em busca de justiça e paz nas nações ou entre elas. O que se constata aqui é que isto se faz com base em pressupostos não discutidos no que tange a uma concepção ecumênica da corporeidade. Não existem discussões ecumênicas amplas e generalizadas sobre o corpo, excetuadas as que envolvem questões de gênero – incluindo as opções no terreno da sexualidade – e que, assim mesmo, só ocorrem nos organismos ecumênicos. Isto *nunca* se dá nos diálogos entre as igrejas.

## PROBLEMAS NO TRATO COM O CORPO

Uma das razões por que isto ocorre, reside provavelmente no fato de que *todas* as concepções religiosas foram construídas ao redor de ou sobre uma tentativa de explicação de por que o ser humano existe, do que significa, da serventia de sua presença no mundo, e do que existe por detrás e para além de sua grave finitude. Na tradição judaico-cristã o clímax da criação se dá exatamente no momento em que Yawé ajunta misteriosamente o pó da terra e sopra nas narinas do corpo ainda inanimado seu poderoso vento vivificador. Que era aquele corpo antes que fosse animado? Que acontece quando

É preciso reconhecer:  
a teologia não nasceu por  
causa de Deus, mas por  
causa da existência,  
necessidades e  
precariedade dos corpos  
dos homens e das  
mulheres

a *anima* se vai e o corpo se desfaz em pô? É o mistério do corpo que gera todos os demais mistérios religiosos: quem o criou? com que intenção? Por que permite o Criador que a vida desses corpos seja, além de limitada, entremeada de venturas e infelicidades, de saúde e de enfermidades, de prazeres e de dores? Como alcançar uma compreensão adequada de Deus a menos que ele se manifeste “em carne”, anuncie e inaugure uma forma de recuperação do corpo na ressurreição?

É complicado, mas é preciso reconhecer: a teologia não nasceu por causa de Deus, mas por causa da existência, necessidades e precariedade dos corpos dos homens e das mulheres.

Quando Jesus Cristo diz que as coisas que contaminam o ser humano são as que provêm do seu interior, e não as que nele entram, está refletindo – numa dimensão figurada, já que está falando de maus desígnios e más ações – uma perplexidade corrente em meio a seu povo quanto ao corpo. Criado por Deus, como poderia ele conter e gerar produtos malcheirosos e nojentos, tais como os excrementos, o sêmen, o sangue da menstruação ou o vertido na hora do parto? José Carlos Rodrigues chama a atenção, em *O tabu do corpo*, para o fato de que tais produtos são considerados nojentos meramente por uma questão de cultura: *O homem é o único animal que se horroza do seu sangue, do seu vômito, de suas secreções sexuais, e que se sente cruelmente atingido por eles, porque é o único a possuir Cultura. O nojo é uma forma de separação entre a Natureza e a Cultura, como muitas outras práticas e muitas outras insti-*

*tuições. É um expulsar, para fora do nosso mundo, de realidades incompatíveis com a ordem, com o controle social. É o estabelecimento da descontinuidade indispensável em relação à Natureza, sem a qual a Cultura é logicamente inexistível.*

Apenas mais uma de entre as manifestações culturais, a religião participa da mesma dificuldade em lidar com a realidade do corpo e de seus efluentes. O século XXI herdou do anterior uma notável série de investigações no campo das biociências, de desenvolvimentos na nova antropologia, de pesquisas no plano das engenharias cognitivas e de experiências que buscam a interação entre seres humanos e máquinas capazes de aprender. Isto vai redesenhando a compreensão do que significa ser gente. Não há como fugir: tais avanços indicam a urgência fundamental de se adquirir uma nova compreensão do lugar e do papel do corpo, propondo novos desafios a todas as teologias e – necessariamente – aos que se arriscam à aventura ecumênica.

Hugo Assmann, falando sobre as questões da educação, afirma algo que pode muito bem ser aplicado à dimensão das discussões a respeito do lugar do corpo em qualquer espaço da reflexão e teorização humana, mesmo da teologia: *A corporeidade, e seu vetor historicizante no nível bio-psico-ener-*

*gético, a motricidade, constituem a instância básica de critérios para qualquer discurso pertinente sobre o sujeito e a consciência histórica... a corporeidade não é fonte complementar de critérios educacionais, mas seu foco irradiante primeiro e principal. Sem uma filosofia do corpo, que pervada tudo na Educação, qualquer teoria da mente, da inteligência, do ser humano global, enfim, é, de entrada, falaciosa.*

A questão se torna aguda porque o corpo é o ser humano presente na história. Sem o corpo não existe teologia. É ele que medeia o debate das idéias, que traduz e concretiza em atitudes, gestos e atos o domínio e implicações das crenças, que, finalmente, expressa em atos litúrgicos – no privado ou no público – o seu reconhecimento cívico das demandas divinas e de seu relacionamento com o Transcendente. Por isso se pode afirmar também que sem uma compreensão todo-abrangente do corpo, qualquer entendimento teológico da vida, da realidade, “do ser humano global, enfim, é, de entrada, falaciosa”.

## CONCEITUAR O CORPO ECUMÊNICO?

É evidente que uma reflexão sobre o corpo não está fundada sobre um dualismo que separe dimensões concebidas como materiais e dimensões ditas espirituais do ser humano. Para clarear: falar do corpo é falar de gente! O termo tem que ser usado sob a compreensão de que nem ele – nem outro que se prefira para falar da pessoa humana! – consegue esgotar sua realidade plena e misteriosa. Com isto em

Não há como imaginar que alguém possa aceitar a outrem se não se satisfaz consigo próprio, com suas próprias conquistas e fracassos, com sua beleza e feiúra, com suas qualidades e defeitos pessoais, ou se não busca o seu próprio avanço. Ou, reescrevendo o mandamento em outra ordem para facilitar-lhe o entendimento: "Assim como te amas a ti mesmo, amarás ao teu próximo"

em tensão, temporariamente resolvida aqui, ressurgindo em outra esfera ali. Não há jamais uma solução acabada nesta dimensão da vivência humana, porque o ecumenismo pressupõe necessariamente rejeição da homogeneidade no conviver social das gentes. A abertura ao encontro e o ingresso na condição da interatividade exigem inevitavelmente uma atitude de coragem, já que nunca se sabe em que nível ou com que intensidade o outro irá responder às propostas do interlocutor. Esta é, evidentemente, uma condição inerente à vivência em sociedade. O que a caracteriza na dimensão do ecumênico é a predisposição à aceitação do outro, qualquer que seja esta sua resposta.

Porque o ecumênico pressupõe "toda a terra habitada", mais do que nunca o corpo ecumênico precisa estar caracterizado por uma visão todo-abrangente do planeta. As implicações desta aproximação, para quem afirma o caráter intocável de fronteiras, pátrias, heranças culturais, igrejas, comportamentos sociais, podem ser moti-

mente, pode-se propor uma compreensão do corpo, ou seja, do humano, que corresponda àquela pessoa comprometida com o ecumênico. Como se caracterizaria este *corpus oecumenicum*?

Uma primeira provável característica é a de que este seria um corpo que se auto-aceita. Não há como imaginar que alguém possa aceitar a outrem se não se satisfaz consigo próprio, com suas próprias conquistas e fracassos, com sua beleza e feiúra, com suas qualidades e defeitos pessoais, ou se não busca o seu próprio avanço. Ou, reescrevendo o mandamento em outra ordem para facilitar-lhe o entendimento: "Assim como te amas a ti mesmo, amarás ao teu próximo".

O corolário disto, evidentemente, é sua capacidade de receber o outro corpo, tal como pretende ser recebido. O outro corpo tem que ser admitido com todas as suas limitações e potencialidades, seu passado, seu presente e seu provável futuro. Esta capacidade para a tolerância é uma *conditio sine qua non* para se sobreviver ecumenicamente. Porque os corpos dos outros não se apresentam perfeitos ou ilesos diante dos diferentes acidentes do cotidiano e possuem características que lhes são peculiares. Aceitá-los como são é uma condição para a vivência e para o intercâmbio ecumênico.

Como não é possível prever o resultado desse intercâmbio ou imaginá-lo fundado sobre determinados preconceitos, o ecumênico deve ser um corpo disposto ao risco inerente ao encontro e ao diálogo. Isto não significa de modo algum que estes levem ao consenso. A ecologia do ecumênico pressupõe a co-existência de corpos

vo de crises das mais sérias. Em um sentido muito crítico pode-se dizer que – ressalvadas as suas implicações mais grosseiras e prejudiciais – a globalização econômica e as conquistas das tecnologias comunicacionais universais foram precedidas pela pregação ecumênica há muito tempo, pelo menos no que tange a uma visão macro do mundo e das sociedades.

Por paradoxal que pareça, há que se reconhecer que, para ser ecumênico, o corpo tem que ser independente e livre. Dá para recordar aqui a visão de Lutero sobre a liberdade cristã, característica da pessoa que é, simultaneamente, serva de todos e livre de todos, na medida em que constrói sua experiência de religião sobre a convicção de ser esta a decorrência mais acabada da fé no Cristo. A independência e a liberdade do corpo ecumênico são evidentemente condições também indispensáveis para que ele seja capaz de revestir-se das características anteriormente descritas.

Especialmente porque no meio do diálogo acabará surgindo, inevitavelmente, um interlocutor que não seja, ele próprio, um corpo ecumênico... ☉

**Sérgio Marcus Pinto Lopes**, pastor, doutor em Educação e professor.

# Resgatar o humano

Francisco Cock Fontanella

De um lado os fatores que têm dividido (e "dilacerado") a todos os seres humanos; de outro lado as emergências/resistências à divisão (dicotomização) do "ser uno, total". Os dualismos corpo/alma, mente/cérebro, interior/exterior, resultantes da educação imposta, se desfazem. No entanto, no trabalho, na dança, na sexualidade, na brincadeira, no esporte, na arte, o ser uno ainda persiste



ossas culturas ocidentais nos educaram na divisão, no dualismo: corpo/alma; mente/cérebro; interior/exterior. É esta a condição humana *tout court*? Quando trabalhamos, nos dividimos? Quando sofremos, nos dividimos? Enquanto éramos crianças, não nos dividímos. Depois... veio a cultura, a educação. Fomos divididos. Mais: fomos dilacerados.

## SOBRE O TRABALHO

Por que a maldição bíblica sobre o trabalho? Acaso o trabalhar não deveria confundir-se com o existir? Ou deveria haver existência sem trabalho? Muito conveniente... para uns poucos.

O trabalho só humilha o ser humano em condições desumanas. E não se trata apenas de humilhação. Incontáveis seres humanos morreram e morrem trabalhando (para outros).

Nossos índios não viam nenhuma maldição no seu trabalho. Certamente experimentaram a maldição, quando se enfrentaram com os civilizados (?). O Prefeito da ilha de Páscoa, esculpindo em madeira, após horas de esforço hercúleo nas pedreiras, moldando os gigantes de pedra, ao ser interrogado sobre o cansaço, respondeu: *Nós, os Orelhas-Compridas, gostamos de trabalhar. Trabalhamos o tempo todo.*

Alguns seres humanos se tornaram fortes e se fizeram senhores dos outros. Fizeram escravos, servos. Modernamente as massas de operários conseguiram o *status* de 'cidadãos trabalhadores', com direitos. Infelizmente, dentro da humanidade, até hoje, ainda são muito poucos os que o conseguiram. Mas, foi conquista digna da humanidade. Infelizmente não foi conquista pacífica. Quem domina não cede gratuitamente seu domínio, ou parte dele. Em compensação, criou-se o Capital, senhor abstrato, sem face, sem sentimentos. Hoje chama-se capital internacional, completamente sem identidade concreta. Ele dirige os destinos da humanidade.

Por que flexibilizar agora a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)? Porque convém aos trabalhadores? Um ex-marxista é capaz de afirmar semelhante disparate. (Claro que é disparate

para quem não é liberal, quer dizer: possuidor de grandes bens.) Toda conveniência neste caso é do capital. Poder-se-ia dizer que no momento, nas circunstâncias, no atual contexto, é o melhor para o trabalhador brasileiro. A verdade é que, se o sagrado capital for minimamente ofendido, a força virá em seu auxílio. E considere-se quanta força tem hoje o capital internacional. Força e truculência.

A atividade científica, grande conquista da humanidade, também depende do capital. Está atada umbilicalmente a ele. Nasceu, criando a expectativa de salvar a humanidade. Na verdade muitos cientistas, hoje, ainda têm, nos seus recônditos – às vezes abertamente –, a esperança de livrar os seres humanos da sua dependência natural da natureza.

De fato, nunca houve tanto esporte, tanto lazer, tanta viagem, tanta recreação (infelizmente o desemprego tem também crescido assustadoramente). Também nunca houve tanta gente ocupada (?) com a Bolsa de Valores. O ser humano perdeu os vínculos mais íntimos: os vínculos à terra. Por isso ela está grandemente poluída (e, para salvar a economia do Primeiro Mundo, será mais poluída (e Bush disse...)).

## UM DESSES VÍNCULOS

### ERA A DANÇA

O ser humano perdeu o caráter sagrado da dança. O caráter 'sagrado' expressa a vinculação à mãe-terra. Aqui também os cientistas (de todo gênero,

espécie, tipo) continuam alimentando o mito de Prometeu. Dessaçralizar o mundo, tornar o mundo simplesmente racional, humano (não importa a carga de desumanidade necessária para tal) é o lema. Dança sagrada? Que é o sagrado? Aos olhos dos iluminados das ciências isso equivale a superstição. Por isso a dança deixou de ser a celebração da vida; tornou-se mera diversão. Antigamente na dança o mundo embalava o ser humano. O que dizer dos 'embalos' de hoje em dia? Como as folhas se movimentam ao ritmo do vento, da aragem, do furacão, na dança cada um é um todo no Todo.

A dança nega a educação? Vejamos algumas infelizes oposições: a dança unifica o ser humano, a educação (até agora) precisa dividi-lo; a dança une os seres humanos, a educação os separa. (Como? Você está louco? Não. Não estou. Leia a História e os últimos acontecimentos mundiais.) A dança não visa a produção, a educação ainda visa predominantemente a produção. Educação e produção devem ser separadas? Aí está o problema: educação e produção foram historicamente separadas. Entretanto, dança, trabalho e educação não se opunham.

O viver dos seres humanos envolve a produção e a 're-produção'. Perpetuar a humanidade é de algum modo *produzir*. Portanto, produzir deveria ser equivalente a educar. Mas, muitos produzirem para poucos usufruírem é um grande desvio, um grande desafio, talvez um grande desvario, mantido

pela força e pela ideologia (ideologia é uma espécie de mentira, que se retém como verdade; é como engabelar). Quando a ideologia é insuficiente, recorre-se à força. Exemplo: o(s) caso(s) dos sem-terra. Há suspeitas, plausíveis, aceitáveis, de que haja injunções espúrias, de interesses excusos, entre os sem-terra, sem que a grande maioria deles o saiba. Mas, a política, desde Homero até hoje, foi diferente? Sei muito bem que não se pode justificar o mal com o mal. Mas, a maioria, o povo, terá sempre que "pagar o pato"?

O povo deve ter "nobres" ideais. E os mandantes, não precisam ter? Em nome de quê? Só porque são mandantes? porque são poderosos? porque detêm o poder, em suma? porque não têm escrúpulos? porque não têm piedade? porque não têm humanidade? porque podem nos matar? *Bellum omnium contra omnes* (Hobbes). Isto significa a auto-destruição da humanidade. E, por que eu, ou você, ou quem quer que seja, deverá se submeter? Porque é mais fraco? Pois, eu afirmo: o grande segredo da humanização é insurgir-se contra tal deriva. O cristianismo proclamou a paz (embora nem sempre), a defesa dos fracos – daí a raiva de Nietzsche, defensor dos poderosos: os fortes passam, o grande rebanho dos fracos permanece... Eis a grande grandeza da humanidade. Ou nos salvamos todos juntos, ou não importa o que vai acontecer.

Não conseguimos mais – se é que alguma vez algum grupo de humanos, ou de humanóides, conseguiu – endear alguma réptil, ou elemento, ou força, que nos contunda.

### SOMOS TODOS FRUTOS DA SEXUALIDADE

Ela, fora dos exageros, dos vícios, é parte da teia da existência, como o respirar, o comer, o andar, o conversar, o

trabalhar, etc. O exercício do sexo se confunde freqüentemente com o amor. Toda forma de amor, todo amor humano tem uma base sexual. Faz parte do modo humano de existir o ser sexual, o ser amoroso. (A raiva, o ódio, o desprezo são também humanos, mas, o maior esforço da humanidade consiste em superá-los. Conseguimos construir – ainda que imperfeitamente – a moral, a ética.) É no exercício do sexo que o "com" se realiza mais plenamente. Então a razão seca não domina. O exercício do sexo nos permite viver momentos de intensa unidade e intensa 'com-unidade'.

### VOLTEMOS NOS TAMBÉM PARA O BRINCAR

Podemos indagar se o senso lúdico pertence unicamente ao ser humano. Em se tratando de brinquedo, diversão, prazer, é certo que os animais desenvolvem atividades que provocam esse tipo de sensação. Talvez possamos dizer que eles se divertem...

O termo 'senso', no dicionário, designa uma habilidade de caráter intelectual, contrariando a origem latina do termo *sensus* (= sentido). O uso consagrou uma acepção que envolve sempre julgamento ou avaliação. Talvez pela influência de Kant... e de outros. Se substituirmos a expressão *senso lúdico* por esta outra *capacidade lúdica*, veremos que esta se encontra também nos animais. Cães, gatos, urso, tigres, golfinhos, etc. Também nossos bebês brincam. Brincar faz parte da existência.

Creio que o esporte está nesta linha. A capacidade lúdica do ser humano criou os esportes, os jogos. O trabalho é fruto da necessidade; o esporte é fruto do descanso. Nos momentos de lazer, de tranquilidade, o ser humano criou o esporte. Ele pode ser competitivo ou não. De modo geral é uma

Poder-se-ia dizer que no momento, nas circunstâncias, no atual contexto, é o melhor para o trabalhador brasileiro. A verdade é que, se o sagrado capital for minimamente ofendido, a força virá em seu auxílio. E considere-se quanta força tem hoje o capital internacional. Força e truculência

importante modalidade da convivência humana. Hoje é até importante forma de entendimento entre todos os povos. Mesmo que a prática dos esportes esteja amplamente comercializada, o seu fruto, aproximação entre os humanos, continua.

Individualmente a prática do esporte permite uma vivência una. Num jogo de futebol, por exemplo, o jogador não se distingue do solo, do ar, dos outros jogadores. Não é que se confunda com eles. A bola, o ar, o chão, o gramado, os demais jogadores fazem parte da existência e não teriam sentido fora do conjunto. No jogo o jogador está 'com'.

Na antiga Grécia, os jogos tinham uma característica curiosa: o jogador tinha em mira, entre outras coisas, ser excelente. Hoje a conotação do esporte é entrinhadamente competitiva: há que superar o adversário. Note-se: *adversário*. Não foi sempre assim. O jogador, o atleta, devia superar-se a si mesmo; ele devia ser excelente. Hoje falamos tranquilamente em adversários, em vitórias, em derrotas: todos termos herdados do tempo de guerra. (Infelizmente ainda acontece torcidas organizadas realizarem uma guer-

rinha...) Em todo caso, no esporte o ser humano frui.

#### TAMBÉM FRUI NA ARTE

Entre as artes parece que a pintura tem certa preeminência. Digo parece, porque não saberia dizer por que uma arte devesse ser melhor que outra. Culturalmente isso acontece. A pintura, entre nós, quando realizada por grandes nomes, parece um encantamento. O pintor genial, sobretudo após a morte (?!), passa a valer milhões. As outras artes não têm tanto êxito. Bem, reconheço que algumas obras de arte são passageiras. Outras são pesadas, por exemplo: uma grande escultura. Mas, há tantas músicas que conservam um encanto imorredouro. Entretanto, ostentar sua galeria particular de pinturas pode ser diferente...

De todo modo, arte é ação, não contemplação. Na arte há regras. Isto é suficiente para me demonstrar que não são simplesmente as regras que nos perturbam, nos dividem, nos escravizam. Todas as regras, mesmo as da arte, pertencem à cultura. Esta é temporal, local, histórica, multifacetada; compõe-se de regras, de valores, etc. A cultura é o modo, ou são os modos, de inserção, de formação, de educação, dos seres humanos.

Na arte somos uns. Quando o pintor usa o pincel, ele usa o pincel. Não é verdade que ele usa o corpo, o braço, etc. Errado! Ele – artista, pintor, escultor, e outros – usa instrumentos. Chega mesmo a prolongar-se nos seus instrumentos. O corpo não fica instrumentalizado; antes, os instrumentos ficam humanizados.

#### INDIVIDUALMENTE SOU NADA

Fui feito um indivíduo pela educação: tornei-me, talvez, um aborto da natureza. Eu não conseguia gerar-me, alimentar-me, criar-me sozinho. Não in-

ventei meus costumes, a linguagem que uso. Um ser humano sozinho não é humano; é muito mais uma aberração.

Coletivamente somos – sou – muitos. Ou caminhamos juntos, em boa harmonia, ou nos destruiremos. Quem domina não acolherá semelhantes palavras. Talvez a humanidade já se tenha adiantado bastante, quando usa a ideologia em lugar das armas. (Mas, não nos esqueçamos: elas estão aí...) Quem sabe se as nossas feridas (e mortes) ensinarão algo à nossa humanidade... à nossa educação...

Desde que o ser humano se dividiu, foi preciso justificar a divisão. Então a razão concluiu que uma parte deveria dominar a outra. A divisão atingiu o âmago, o ser do humano. A partir daí, todas as seqüelas da divisão parecem naturais, as diferenças produzidas passaram a ter justificativas evidentes.

Apesar de tudo ainda é possível a vivência una. E a vivência pode ser dividida ou una. Quando o alpinista se extenua nas escaladas traiçoeiras e mortais, ele está contente com o que faz. Se um operário puder esquecer o seu salário, ele poderá ser feliz no que faz. O intelectual; o estudante; o cientista; o fabricante; o vendedor, etc., todos. (Todos? e o lixeiro? e o lavador de cadáveres? e tantos outros...? Podemos viver sem, ou com, o *nojento*?)

Mas, para lá dos ardós de todo tipo, o ser humano persistiu. As origens não se perderam totalmente. O ser original pode se manifestar. O ser uno, total, ainda pode agir e age.

Apesar da multimilenar educação divisória da existência, o ser humano pode encontrar e de fato tem encontrado o *philum* original do seu ser: o ser uno.

Francisco Cock Fontanella, professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Unimep.

# Umbigo substantivo feminino

José Lima Jr.

Os passos desta declaração semiótica de amor são um enlistamento inteligente e extremamente simpático que sobressai nas tríades exórdicas para desabar deliciosamente numa interrogação: "Até quando a feminilidade nossa de cada dia ficará alienada...?"

... costura o fio da vida só pra poder cortar.

(Joyce)



essa língua portuguesa apenas sob rubrica da licença poética abonaria o óbvio equívoco de gramática envolvendo o título deste artigo. Isso porque, no processo comunicativo, a função que destaca o elemento estético tem a permissão de promover um estranhamento intencional cujo resultado acaba dando ênfase ao elemento da mensagem mesma, valorizando-lhe a especificidade. Nesse caso, o emissor erra de propósito para que o receptor, no uso de seu repertório, seja mais interativo na reinterpretação do discurso como um todo.

Se fosse o caso de alterarmos o elemento estranho que toma "o" umbigo como feminino, afirmando, então, que deveria ser classificado como substantivo neutro – conforme no idioma inglês, ignorando-o como *he* or *she* e chamando-o por *it* – isso também precisaria ser questionado semioticamente, posto que assim estaríamos camuflando certos elementos indispensáveis. O fato do umbigo estar tanto no corpo masculino quanto no corpo feminino não o torna indiferente e simplesmente comum aos gêneros.

Em que pese a diferença de sexos não definir, de fato, a simples inclu-

ção ou exclusão do umbigo nesta ou naquela figura anatômica, não somos autorizados a proceder a uma redução indiferenciadora e simplificadora que nos prenda apenas à *ocorrência* do umbigo, descurando-nos daquilo que o umbigo significa como *referência*. E o que ocorre no umbigo, sem sombra de dúvida, é sempre um referir à mãe. Sua substância de referência é inegavelmente feminina. Ele significa ela.

Adensando um pouco mais, pensemos como em toda designação a coisa significada não se esgota no significante: um nome (qualquer nome) sempre 're-apresenta' determinado objeto concreto ou coisa abstrata a que se refere, privilegiando apenas algum aspecto desse objeto ou dessa coisa. Daí nossa grandeza e miséria daquilo que inventamos: a maravilha de uma linguagem atrelada a impossibilidades e limites inerentes. E, com efeito, aquilo a que o umbigo se refere é muito mais que seu nome e seu lugar na gramática.

Assim, esposamos a tese de que, além de feminino (por força de referência), o umbigo nos remete a uma feminilidade que, pela dimensão poética de seu caráter semiótico, ultrapassa bem mais seu paradigma léxico de substantivo masculino. Quem sabe, portanto, em virtude de uma impropriedade gramatical, dizer que 'o'



Assim esposamos a tese de que, além do feminino (por força de referência), o umbigo nos remete a uma feminilidade que, pela dimensão poética de seu caráter semiótico, ultrapassa bem mais seu paradigma léxico de substantivo masculino

umbigo é substantivo feminino acabe contribuindo, às avessas: ajudando-nos a perceber e criticar, pelo menos, uma discutível hegemonia de gênero incrustada em nosso código lingüístico.

• • •

(Entre parênteses e apenas à guisa de exemplo um pouco à margem, todos sabemos do imenso ônus machista impregnado em nossas regras para a elaboração do plural; bastando para tanto lembrarmos que se nove mulheres e um homem vierem a ler este artigo, no total teremos dez leitores, como se, absurdo dos absurdos, um leitor valesse mais que nove leitoras!!!)

Mas voltando ao nosso tema e já admitindo que 'o' umbigo não é neutro, nem substancialmente masculino,

desejamos expor a seguir três ângulos (dentre outros que nos escapam ou extrapolam) em que 'ele' é muito mais feminino do que (nem !!!) se chega a supor, amiúde. Como signo sobremodo peculiar, o umbigo registra de maneira qualitativamente privilegiada algumas denotações e conotações que oportunizam ênfases femininas para o **pontual**, o **pessoal** e o **punctual** da corporeidade.

**Numa perspectiva somática**, umbigo é essa contraditória marca **pontual** de continuidade *versus* ruptura. Sendo cicatriz, com notável precisão, sublinha o que há de *índice* feminino nestas pregas de nó. Como índice, guardando uma relação de antecedente/subseqüente, o umbigo é signo da mãe no próprio corpo da prole. A sucessão na secção. Um corte desligando conexões. Interrupção de passa-

O umbigo é relíquia e sacramento, meio de graça, inspiração para o espírito corpóreo insistir teimosamente em se tornar sempre aquela criança *nova* que, no útero da fé, revive o sonho da plenitude femininamente eterna

gem, o índice do umbigo nos obriga a relacionar essa parede de agora com uma ponte anterior, quando o caminho estava livre, quando o conduto, durante meses foi o único fio de uma complexa simbiose ligando mãe e embrião. O umbigo aponta para si mesmo como resto de um cordão de continuidade, pela via feminina – naturalmente única. E justo pelo que era, o umbigo se torna também, por contradição necessária e vital para a mãe (muito mais que para o feto), indicativo de uma ruptura nessa função feminina não só exclusiva quanto a maternidade, como também exclusiva para uma gestação específica. O umbigo, portanto, sucede essa simbiose ‘perfeita’, essa conexão original/originária/originada. Tocar no umbigo é *recontatar* algo de que se separou por conta de um primeiro corte; é, com toda certeza, retocar um *passado feminino* e, quem sabe, até uma saudade absoluta.

**Numa perspectiva psíquica**, umbigo é uma área que polariza emoções bem no centro do âmbito **pessoal** corpóreo. Sentimentos se convertem e se divertem em torno desse *ícone* de prazeres, desse pequeno pólo de pele sem pelos. Por feliz coincidência, o

feminino de todo umbigo está em sua iconicidade, em seu aspecto de espaço vazio, em sua abertura sedutora e aconchegante, ‘pro-vocando’ bolinagens várias. Aliás, não é sem destaque que constatamos a evolução semântica do étimo de “umbigo”. Tratando-se originalmente do diminutivo de *umbo* – termo latino que significa protuberância (sugere até uma alusão ao clitóris) – passa depois a denotar seu contrário, ou seja, cova (que pode insinuar vagina e útero). Desta imagem de ausência (cavidade, caverna, buraco), representando algum ambiente propício para acolher e re-crear, depreendemos aquilo que a sedução do umbigo comporta de feminilidade maior: a arte da moldagem – que faz, no interno e pelo avesso, coisas, casos, *causos*... Assim, no vazio do umbigo, em sua ausência constitutiva, se *presentifica uma feminilidade*.

**Numa perspectiva pnêmica**, umbigo é um convite à fé, ao ris(c)o do entusiasmo, à fisgada **punctual** da espiritualidade corpórea. E esse *punctum* funciona como *símbolo*; tipo de acupuntura que acaba mediando ser e existir. Pelos símbolos sabemos/sentimos/sonhamos: existimos, além de sermos isso ou aquilo. Todo símbolo é uma espécie de virtualização (...uma aliança no dedo de quem ama ‘re-põe’ virtualmente a pessoa amada). Assim também, o anel umbilical, ao simbolizar o corpo da mãe, também simboliza, virtualiza, repõe sua maternidade. E independente de juízos de valor, o símbolo da maternidade no umbigo é sempre signo/sinônimo de nova ‘renovação’ da vida. Por meio do umbigo como símbolo *religamos* na corporeidade *physis* e *mythos*, natureza e cultura. Sem umbigo e sem símbolo nosso existir se extingue. Em sumá, se o arriscado romper com a segurança pretérita é exigência feminina, o um-

bigo é relíquia e sacramento, meio de graça, inspiração para o espírito corpóreo insistir teimosamente em se tornar sempre aquela criança *nova* que, no útero da fé, *revive* o sonho da plenitude *femininamente eterna*.

Noutras palavras, conforme os recortes de nossa anatomia e de bem com as opções de nosso erotismo, podemos recuperar instâncias de nossa *feminilidade* no desvelamento e no mistério do umbigo e, quiçá, melhor assumi-la sem falsos pudores ou nocivas arrogâncias que só nos imbecilizam em reducionismos machistas e/ou generalidades feministóides. Até quando, perguntamos, seremos presas dessas ideologias que nos afastam de nós mesmos, separando-nos de nossa constituição e invenção corpóreas? Até quando abriremos mão de nos re-encontrarmos umbilicalmente ligados às nossas inegáveis origens e melhores possibilidades? Até quando a feminilidade nossa de cada dia ficará alienada, bem no umbigo de nós mesmos, conspirando contra nossa corporeidade?

Por fim e sem pretensões conclusivas, temos consciência de que responder a estas questões é desafio constante e coletivo. Supomos, também, que a feminilidade do umbigo instiga incontáveis mo(vi)mentos de *te(n)são entre* as dimensões somáticas, psíquicas e pnêmicas do corpóreo. E apostamos, ainda, que a corporeidade está como que destinada, sempre, a se encontrar no umbigo, a se superar com o umbigo, a se salvar pelo umbigo.

José Lima Jr., doutor em Comunicação, professor e escritor.

Alcino Ferreira &amp; Clemente Lizana

# Corporeidade, ternura e alegria

“Esplendor dos corpos, sem idolatria. Cuidado dos corpos, sem compulsividade. Reconhecimento da corporeidade e conhecimento, sem mentiras da existência de corpos depauperados e sofredores. Corpos dilacerados pelas bombas em atos de loucura e de guerra. Corpos admiráveis pela beleza e pela harmonia, se misturando nas imagens que enxergamos todos os dias na TV. E os nossos corpos? E o meu corpo? E os corpos daqueles com quem eu convivo, trabalho, me divirto, amo?”



uando começamos a caminhada da corporeidade éramos jovens cheios de intuições e sonhos. O pessoal gostava do que fazíamos, mesmo nos achando singulares, e duvidando se a nossa proposta seria algo mais do que entretenimento, brincadeira, festa. Só nos permitiam fazer alguns exercícios nos momentos livres das programações, entre as atividades consideradas “sérias”.

O tempo passou, e nos deu a razão. Hoje o tema da corporeidade está nas prioridades de muitos dos que antes duvidavam e suspeitavam que estivéssemos desviando a atenção do pessoal para coisas sem importância. Isso, porque as ciências biológicas e humanas se encarregaram de mostrar a importância fundamental da corporeidade, desvelando mistérios e mecanismos do funcionamento do cérebro-mente e de sua relação com a saúde, com a felicidade, com tudo. Nós apenas adivinhávamos estar no caminho certo, porque tínhamos a ‘guiança’ das nossas emoções, do prazer que sentíamos, da plenitude que experimentávamos vendo a felicidade estampada nos rostos daqueles que seguiam as nossas loucuras. Nossa embasamento teórico talvez fosse fraco. Desde os primeiros passos, porém, a realidade que foi surgindo era incontestável, sólida e segura. Alguma coisa que estava além da nossa própria compreensão intelectual nos indicava que o caminho estava bem orientado, que era por ali mesmo. Seguíamos, por assim dizer, a nossa intuição, o nosso lado feminino, o lado *yin* da vida, se harmonizando espontaneamente com a nossa masculinidade.

O terreno era fértil, apenas fomos regando e cuidando das sementes que já estavam lá, nos corpos dos nossos amigos e amigas, porque, afinal de contas, todos ficamos sendo amigos por toda a vida depois das vivências que tivemos de prazer, de música, de abraços, de descobertas, de possibili-

dades de movimento e de expressão. Ainda nos abraçamos e nos beijamos como antigamente, mesmo fora das oficinas, nas ruas, nos aeroportos, nas rodoviárias, ao redor das mesas familiares onde nos encontramos, experimentando a fraternidade, a familiaridade para além da formalidade dos “trabalhos”, dos “projetos”. O trabalho e a vida ficaram integrados. Ficamos integrados em redes de corações. Ficamos holocentrados, sim senhor. E daí?

Aqueles que diziam que “lá fora é diferente”, “a realidade é outra”, “é tudo muito lindo, mas artificial”, hoje nos abraçam, e se abraçam mutuamente cheios de contentamento porque desfizeram as dúvidas, as contradições, os conflitos ideológicos que os colocavam entre o frio e o quente, entre o desejo e a rejeição, entre o entusiasmo e o pessimismo. Muitos tiveram gosto pela coisa e, aos poucos, discretamente, entraram na festa, se transformaram em animadores, focalizadores, metodólogos, terapeutas corporais, facilitadores, incorporando o teatro, a expressão corporal, o relaxamento, a dança, as músicas populares, nas suas práticas profissionais. Padres, pastores, professoras, médicos, assistentes sociais, lideranças sociais, o escambau. Alguns militantes, até os mais ranzinhas, acabaram sorrindo ao perceberem que a luta e a festa estavam aos namoros, e conseguiram entrar no arrasta-pé levantando poeira bem abraçadinhos com a mulher amada.

A alegria era energia válida e forte para motivar os compromissos, as

aprendizagens, as idéias, os sonhos, os projetos, e ela foi ganhando carta de cidadania nos ambientes fumegantes das reuniões onde o povo se afogava de tédio, acreditando que estava transformando a sociedade.

Fomos ousados. Ainda hoje seguimos ousados. Dizemos as coisas respeitosamente, mas não as escondemos: brincávamos de transformar os que queriam transformar a sociedade. Onde havia compulsividade pelos produtos, encontramos atalhos para chegar às metas sorrindo e brincando, como se não estivéssemos trabalhando, porém, estávamos, sim, e muito. Só mais humanamente.

Uma angolana nos disse: "No início, estávamos a subestimar o vosso trabalho. Não demoramos muito em perceber a seriedade e a importância dele". Isso lá, na mãe África, em Lubango. Em plena guerra.

Naqueles anos tínhamos diante de nós a cruel realidade da negação dos corpos físicos das pessoas e os desaparecimentos de companheiros. Pois bem, batizamos a nossa pequena equipe com o nome de *Habeas Corpus*. Os fantasmas não nos devoraram, mesmo se tínhamos, como todo mundo, muito medo. Homenageamos os Direitos Humanos e militamos com originalidade reinterpretando livremente o termo no sentido de reivindicar na sociedade a importância da corporeidade (que haja corpo, que os corpos se façam presentes, que os corpos sejam respeitados, que se reconheçam os corpos com a sua complexa realidade).

As pessoas também precisavam escutar as mensagens internas dos seus corpos, os ritmos da respiração, as pulsavações do coração, as tensões musculares, as sensações de prazer e de desconforto, mediante exercícios apropriados de plena atenção e de concen-

tração e movimentos que produzissem bem-estar físico e relaxamento.

Fizemos com que elas se aproximassem fisicamente. Convidamos todo mundo para dançar, e os desafiamos a se permitirem envolvidos pela magia de músicas populares e eruditas. Ajudamos a jovens e adultos trabalhadores rurais a se expressarem corporalmente, mediante movimentos criativos, estimulando a tomada de conhecimento de certos ritos, máscaras e coreografias sociais da vida cotidiana, no intuito de desconstruir atitudes defensivas, acanhadas, desconfiadas, distraídas, para regenerar e construir gestos e jeitos de se expressar e de ir na direção dos outros e acolhê-los com mais gratuidade e espontaneidade.

Realizamos atividades que estimularam as pessoas para terem entre elas "rodas de encontro ao luar" sobre coisas da vida e conversarem sobre as fontes ancestrais, as origens étnicas, as bases fundantes das suas existências, as tradições culturais, as crenças, os mitos, os lugares onde nasceram, os seres que influíram na sua formação, os amores, as relações de gênero, as famílias, os filhos, os objetos de estimação, as velhas fotografias, os gostos, os talentos, as habilidades e desrezas individuais, as competências profissionais, as lembranças de acontecimentos significativos da história pessoal, os sonhos, frustrações e esperanças. Os convidamos a desenhar e pintar a vida em painéis que expressavam a estética ingênua de cada grupo. Tudo isso nos espaços maravilhosos de convergência que criávamos nas nossas oficinas para eles se 're-conhecerem' e aceitarem como seres humanos com diferenças e semelhanças, para abrirem os corações e as mentes e se sentirem identificados uns com os outros.

Escancaramos as portas da percep-

ção, a capacidade de escutar as mensagens do outro, e da natureza em volta, apurando os sentidos para nos comunicar ilimitadamente com o mundo: ouvindo os risos das crianças e os cantos e clamores das quebradeiras de coco babaçu, olhando fundo nos olhos dos homens e das mulheres e as cores das flores e dos céus, sentindo com a pele, percebendo os cheiros, curtindo os sabores.

Tivemos uma atitude respeitosa diante da diversidade cultural, acolhendo as crenças, as lendas, os mitos, as linguagens, as manifestações estéticas e dando espaço para a expressão das diferenças e os jeitos originais de celebrarem as relações com o sagrado. Levamos em conta os saberes como base para conversações visando desenvolver determinados assuntos que lhes interessavam, para receber informações e construir conhecimentos, para avaliar e planejar processos coletivos, para sonhar possibilidades de 're-encantar' a vida.

Quando ainda vivíamos sob regimes autoritários que negavam os direitos cidadãos e exerciam violências sobre os corpos das pessoas por meio de restrições, maus tratos, torturas, e crimes com desaparecimentos de corpos; e quando nos próprios movimentos, sindicatos e partidos políticos que lutavam para recuperar a democracia não se tratava o tema da corporeidade, algumas pessoas e grupos abriam espaço para esse tema na educação na ação social e na política.

Nós mesmos começamos a propor oficinas de expressão corporal, encontros de educadores que se utilizavam de métodos corporais, um seminário sobre Política do Corpo e contribuímos com o nosso apoio metodológico e dinâmicas corporais em encontros de pastorais sociais de igrejas cristãs, movimentos sociais (Direitos Humanos,

Brincávamos de transformar os que queriam transformar a sociedade. Onde havia compulsividade pelos produtos, encontramos atalhos para chegar às metas sorrindo e brincando, como se não estivéssemos trabalhando, porém, estávamos, sim, e muito. Só mais humanamente

Meninos e Meninas de Rua, encontros de agentes de projetos e seus financiadores, secretarias municipais e estaduais de educação ) e em todos os ambientes aonde fomos convocados nos anos 1980, 1990 e neste inicio de milênio. Publicamos também algumas matérias e pequenos textos em boletins e numa revista sobre ação social com reflexões sobre a importância da corporeidade, sobre a necessidade de uma política do corpo, sobre as emoções, a subjetividade, na vida cotidiana das pessoas, dos grupos e movimentos.

Alguns amigos e amigas conhecedores do trabalho da Equipe *Habeas Corpus* têm-nos atribuído, carinhosamente, a qualidade de pioneiros e de vanguardas da corporeidade no campo da educação e da ação social. Isto nos gratifica. Porém nossa compreensão sobre estas afirmações nos leva a pensar que esse pioneirismo e vanguardismo são expressão de um fenômeno coletivo, de um amadurecimento que aconteceu simultaneamente em diversos lugares, por meio da ação de pessoas, grupos e movimentos, sendo a manifestação de um campo morfológico frutificado em práticas, métodos, linguagens, vivências corporais variadas que se materializaram sincro-

nicamente pelo Brasil e por toda a América Latina.

Nos últimos anos um número cada vez mais expressivo de ONGs, movimentos, grupos, agentes sociais e profissionais liberais vêm incorporando o tema da corporeidade nas suas práticas, o que nos irmania, nos desafia e nos alegra profundamente. O terreno tem ficado enriquecido com novas abordagens, com métodos e propostas originais, com novas bases teóricas. Com o passar do tempo percebemos que desde o início abordamos intuitivamente alguns temas que depois ficaram explícitos na educação e na psicologia. Assuntos tais como: as inteligências múltiplas, a inteligência emocional, o poder transformador da música e das artes, a corporeidade como lugar onde se processam as aprendizagens humanas, a complexidade do ser humano, o significado dos sistemas, ou nichos ecológicos e culturais para a educação. Isto consolidou o nosso embasamento teórico tornando-nos mais seguros.

Nos sentimos gratamente reconhecidos porque diversos grupos e organizações continuam solicitando a nossa contribuição para os seus processos internos e para facilitar a implantação dos seus projetos. Ficamos admirados pelos efeitos desse nosso fazer, pelo jeito como temos driblado o tempo e os obstáculos, conseguindo permanecer ativos como equipe, pela irradiação do nosso trabalho que hoje constitui um referencial em diversas áreas de atuação.

Somos uma equipe singular, diante de algumas ONGs e organizações que assessoram projetos de ação social e de educação, porque obviamente formalidades que têm importância para todo o mundo. Depois de um período inicial de cinco anos em que tivemos apoios pontuais de duas insti-

tuições estrangeiras e uma do Brasil, estamos atuando há doze anos sem financiamento ou ajuda econômica, a não ser os honorários pagos pelos nossos serviços. Nos utilizamos, conforme as exigências dos trabalhos, de locais e de infra-estrutura dos nossos parceiros e clientes. Isto tem nos dado um estilo particular, não sofisticado de *marketing*, e de relacionamentos profissionais e institucionais. Temos adquirido autonomia, liberdade de movimento e capacidade de nos articular flexivelmente com variados grupos. Desde a nossa fundação em Olinda (PE), em 1985, somos uma equipe de dois educadores, abertos a trabalhar em parceria. Ocasionalmente constituímos equipes multidisciplinares com outros profissionais.

Na nossa alegre marcha de educadores corporais temos conhecido gente corajosa dos sertões nordestinos, seringueiros acolhedores e quebradeiras de coco babaçu da região amazônica, homens e mulheres de corações generosos e sonhos iluminados em grandes capitais e pequenas cidades do interior do Brasil, gente afetuosa e laboriosa na Suécia, na Holanda, na Alemanha, no deserto de Atacama e no sul do Chile, na admirável Angola. Temos tido maravilhosas oportunidades de aprender em diversos contextos sociais, culturais, étnicos, políticos e geográficos. Estamos gratos à vida pelo que temos feito e aprendido, principalmente pelos amores, pelas amizades, pelos companheiros e companheiras que fizemos na caminhada. Continuaremos avançando e abrindo novas trilhas nos horizontes infinitos da corporeidade.

Alcino Ferreira e Clemente Lizana, depoimento da Equipe *Habeas Corpus*. Trechos da singular história de uma pequena equipe aprendente.

# Corpo de mulher e violência simbólica

Sandra Duarte de Souza

O "sexo frágil" não é frágil, mas foi assim 'batizado' num processo histórico-degenerativo, a ponto de acabar sendo sacralizado/sacramentado como o sexo que deve servir, servir sempre ao outro. A Autora desmascara essa violência que tem por trás o peso de alguns mitos religiosos como Agostinho, Tomás de Aquino, Lutero e Calvino. Há que mudar esse imaginário subordinante



eralmente, quando pensamos em violência, a primeira imagem que nos vem à mente é a da violência, digamos, material: a imagem do corpo surrado, ferido, marcado pelas mãos de outros. Discutir esse tema, particularmente no que se refere à violência de gênero, implica em extrapolar os limites do visível, isto é, do corpo machucado. Aquilo que vemos é a materialização do que aqui denominaremos "violência simbólica".

A análise da violência de gênero implica na análise das bases simbóli-

cas da violência. A prática da violência é um exercício de poder sobre o outro e, neste caso, do poder do homem sobre a mulher. Dessa forma, algumas perguntas se levantam: O que leva os homens a acreditarem possuir 'direitos' sobre as mulheres e a exigirem delas mesmas o cumprimento de supostos 'deveres'? Por que as mulheres nem sempre caracterizam os espancamentos sofridos, os xingamentos, os mandos e desmandos de seus companheiros como violentos? Por que, mesmo em situação de violência, muitas mulheres não querem denunciar os seus companheiros? A resposta está no universo simbólico que informa os sexos a respeito de seus papéis sociais.

## AS CICATRIZES TÊM HISTÓRIA

A atual banalização da violência tem gerado o que poderíamos chamar de uma cultura da violência. Ela está tão diluída em nosso cotidiano que passa a ser parte integrante dele. Dessa forma, não só vivemos a indiferença do que violenta ou a indiferença pelo violentado, mas a indiferença relativa do próprio violentado.

Nesse contexto de banalização/'naturalização' da violência, é importante lembrarmos que as cicatrizes têm história. O corpo violentado da mulher é o texto que registra uma história de conflitos, de lutas de poder, baseadas

na concepção de um suposto direito natural do homem sobre a mulher. O olho roxo da Maria, o braço quebrado da Cristina, as queimaduras sofridas por Giselda, os riscos à faca no corpo de Carla, têm uma base comum, a pressuposição sociocultural de que os homens são naturalmente superiores às mulheres e, portanto, possuidores de direitos sobre elas mesmas.

A percepção social do homem e da mulher foi banalizada a ponto de perder sua dimensão de coisa construída. A partir do sexo biológico, compõe-se uma noção de masculino e de feminino em que o primeiro está sempre em vantagem com relação ao 'segundo', de onde deriva a idéia da mulher como o "segundo sexo" (Simone de Beauvoir).

As características socialmente atribuídas ao homem e à mulher foram objetivadas, e geraram um masculino 'naturalmente' forte, onipotente, autônomo, racional, objetivo, dominador, e um feminino frágil, sem poder, dependente, emocional, subjetivo e dominado. Essas características têm sido reforçadas pelos mais diversos mecanismos produtores de sentido em nossa sociedade, pela mídia, por meio de comerciais, novelas, filmes e músicas; pela família; pelas instituições de ensino (desde o ensino fundamental até o universitário); pelo Estado; e pelas

mais diversas expressões religiosas. Nossa atenção nesta pequena reflexão atém-se à religião, particularmente ao cristianismo, como reproduutora e também como constituidora de uma cosmovisão que legitima e acentua as diferenças sociais entre os sexos.

## VIOLÊNCIA DE GÊNERO E RELIGIÃO

Na organização social de gênero, homens e mulheres são alocados em lugares hierarquicamente diferenciados. A religião é uma das responsáveis pela produção e reprodução dessa hierarquia dos sexos, sacralizando papéis socioculturalmente construídos.

A religião, no campo da construção simbólica, tem cumprido a função social de constituição do feminino e do masculino, e é uma das grandes responsáveis pela inferiorização e secundarização da mulher em nossa sociedade. A partir de um discurso misógino, a religião não apenas produz ou reproduz a violência de gênero, mas a sacraliza. O discurso religioso, para o/a fiel, tem *status* de coisa sagrada. Sua plausibilidade repousa exatamente nisso. Dessa forma, o discurso religioso perde a sua condição de coisa construída e é entendido como verdade sagrada.

A mulher, em vários teólogos cristãos, é considerada inferior ao homem. A própria representação da divindade cristã como masculina é um indicador disso. Agostinho, em *De Trinitate* nega à mulher a semelhança com a divindade. Ela, simplesmente por ser mulher, estaria privada de ser à imagem de Deus, isto é, a condição

A partir do sexo biológico, compõe-se uma noção de masculino e de feminino em que o primeiro está sempre em vantagem com relação ao 'segundo', de onde deriva a idéia da mulher como o "segundo sexo"

de mulher aparece como uma limitação insuperável, deixando-a em eterna desvantagem na relação com Deus e com os homens. Dessa concepção derivam outras. Tomás de Aquino, na *Summa Teologica*, defende que as mulheres, devido a sua

natureza inferior, devem sujeitar-se aos homens. Lembremos que subjaz a esse discurso toda uma teologia de negação do corpo. A associação da mulher com o corpo e o entendimento de que este, por ser corruptível, obstaculizava a relação com a divindade e o alcance da vida eterna, relegou-a a um lugar secundário.

Com a Reforma não se verificam grandes mudanças. Os Reformadores continuaram identificando a mulher com o corpo e, junto com o seu repúdio ao corpo, repudiaram também a mulher. Ao preocupar-se com a salvação pela fé, os pensadores da Reforma enfatizaram a pureza do "estado interior" do ser humano. Lutero,

J.R. Ripper



apesar de admitir e até mesmo incentivar o matrimônio, “buscava a castidade pura”, livre dos desejos. O casamento representava a perda da virgindade, porém, propiciava a castidade da mente (*Letters of Spiritual Counsel*, 261), isto é, o sexo sem desejo. Homens e mulheres poderiam alcançar este estado puro, porém, enquanto os homens o alcançavam despindo-se do desejo sexual, as mulheres somariam a essa prerrogativa a obediência a seus maridos. A autoridade do marido representa a própria “glória de Deus” (LSC, 277), portanto, a mulher deveria sujeitar-se a tal autoridade da mesma maneira que todos se sujeitam à autoridade divina.

Calvino seguiu pelas mesmas trilhas de Lutero. Abominava o desejo e defendia a sujeição da esposa ao esposo mesmo que esta fosse submetida a espancamento. Em carta a uma mulher desconhecida que estava enfrentando problemas conjugais por causa de sua fé, aconselha-a a não deixá-lo, pois uma mulher não deve abandonar o marido, “...exceto por força de necessidade; e não entendemos que essa força esteja atuando quando um marido age rudemente e faz ameaças à mulher, nem mesmo quando a espanca, mas quando há iminente perigo para a sua vida” (Apud Scott: 1988,104).

Apesar das mudanças, as representações sociais de mulheres e homens em nossa sociedade ainda hoje são informadas por uma simbologia e um discurso religioso que secundariza a mulher. Ela é socializada pela religião para a submissão, a obediência, a depen-

As características socialmente atribuídas ao homem e à mulher foram objetivadas, e geraram um masculino “naturalmente” forte, onipotente, autônomo, racional, objetivo, dominador, e um feminino frágil, sem poder, dependente, emocional, subjetivo e dominado

dência, o cuidado com o outro, enquanto o homem é socializado para dominar, ser obedecido e ser independente. Nesse processo, enquanto o homem é objetivado como um ser autônomo e com poder, a mulher é objetivada como um ser dependente e sem poder.

Essa ideologia de gênero teima em afirmar a mulher como um ser ‘para’ os outros, isto é, a mulher se constitui heteronomamente enquanto tal, e “deverão” servir ao outro, e viver para o outro. O não “cumprimento” desse “princípio” (ou “lei natural”) gera processos como sua culpabilização pela sociedade e também por si mesma. E mais, opera como o motivador da prática da violência de gênero.

A noção de que a mulher se constitui, como tal, pelo serviço ao outro (e de tudo o que deriva disso), mostra por onde passa a definição social da feminilidade. Se não cumprir esse “dom natural” é passível de “correção”. Os depoimentos de mulheres em delegacias especiais são indicadores da persistência dessa mentalidade ainda nos dias atuais: ele me machucou

porque: “eu não fiz a comida dele”; “eu não quis transar com ele”; “eu gritei com ele”... Evidentemente, não é apenas no âmbito doméstico que essa noção do feminino persiste.

Muitas mulheres submetem-se a relações violentas durante anos, “crentes” nesse papel que lhes foi imputado socialmente. É claro que isso não se dá sem resistência. Não se trata de afirmar a mulher como vítima passiva, porém, ela é, conforme Olívia Rangel, um sujeito “com uma consciência mediatisada pela concepção dominante da sociedade, que é machista”. Um sujeito “com consciência de dominado” ( 2001, 41).

Esse ‘lugar da mulher’ na sociedade não é um ‘lugar natural’, mas um “lugar construído socioculturalmente” num contexto cultural patriarcal. A mudança da situação de violência de gênero passa necessariamente pela superação desse imaginário da subordinação natural das mulheres, produzido e reproduzido pelos mais diversos mecanismos de produção de significado, até pela religião.

**Sandra Duarte de Souza**, professora da Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo.

#### REFERÉNCIAS

- SCOTT, Robin. *Eros e os processos cognitivos. Uma crítica da objetividade em Filosofia*. Rio de Janeiro, Record, 1988.  
RANGEL, Olivia. “Violência contra a mulher: As desventuras do vitimismo e as armadilhas da cumplicidade”. In: *Presença da Mulher*, 39. São Paulo, 2001, pp. 37-44.

Regina Coeli Freitas dos Santos

“É em nossa corporeidade/ espiritualidade humano-mundana que circula vida/morte, que se parem e abortam sentidos pessoais e político-sociais, se [re]ordena o caos, se enfrentam as complexas relações conosco mesmas, com os demais, sob circunstâncias e contextos, nos historicizamos. Em suma experimentamos ressurreições em e para a liberdade”



temática do corpo-corporeidade tem ocupado tempo de conversações e debates, e espaço com exposições diversas. Trazem diferentes abordagens. São diferentes em linguagens, usadas para significar o uso-abuso do corpo e ausência de significação da corporeidade. Ainda que múltiplos os enfoques, evidencia-se a centralidade da busca de sentido na e da vida humana/planetária.

Esses falares em seus tantos sentires dão conta em apontar, do senso comum aos paradigmas científicos, que o existir-fazer-se e sentir-se humano/a se desequilibra finalmente, da secular polarização antagônica dada na dualidade: corpo/alma, corpo/espírito, corpo/mente. Essa dicotomização se esgota, deixando um lastro de destruição/desfavores à Vida, à vida pessoal e coletiva, à humanidade, ao universo.

O equívoco do “corpo no corpo”, em si, resultado de relações e processos de produção fazem do mesmo objeto-fetiche-mercadoria. Ao extremo hoje, de si mesmo se dizem e visibilizam, cotidianamente, perversões, distorções, deformações. Por outro lado, o “espírito desencarnado” também referencia outros tantos processos alienantes, patológicos, tão violentos quanto, dissimulados por discursos

salvadores. Ambos se revelam forjadores de corporeidade/espiritualidade vazia, alienada. Ambos concebem e geram violência contra ‘eco-sistema’.

É em nossa corporeidade/espiritualidade humano-mundana que circula vida/morte, que se parem e abortam sentidos pessoais e político-sociais, se [re]ordena o caos, se enfrentam as complexas relações conosco mesmas, com os demais, sob circunstâncias e contextos, nos historicizamos. Em suma experimentamos ressurreições em e para a liberdade. A propósito, um verso de Muraro (1999) nos instiga afirmando “...o corpo ressurge parindo o espírito, e preso nas trevas do desencontro o espírito se faz corpo...”

Esse modelo-mentalidade dualista do Ocidente tem sinalizado-concretizado mortes nas hierarquizações e fragmentações construídas. Gesta e gera infundáveis antinomias que, num infundível rol de assimetrias efetivam-se priorizações, exclusões e a descartabilidade de pessoas ou grupos ou povos; fazeres, sentires e saberes. ‘Tipificações’ vão sendo produzidas, legitimadas entre isso ou aquilo, nós e os outros, ou dissimuladas maniqueisticamente, uma vez identificadas ou caracterizadas, melhor, caricaturizadas e fixadas culturalmente em um dos pólos.

Assim que, insistente e consisten-

# “... metades complementares... desumanos por inteiro...”

**Por óbvio, se traz à pele a cultura narcísica da igualdade mimética que nos circunda e que alimenta nossas instituições sociais. Quão frágeis estão e nos apelam, processos de singularizações sob responsabilidades e cuidados solidários**

temente, dos discursos e práticas a partir da oposição entre matéria/espírito decorrem aporias tais como teoria/prática, fé/cultura, razão/emoção, quantidade/qualidade, finalidade/causalidade, liberdade/determinismo, existência/essência, sujeito/objeto, conteúdo/método, etc.

O que se poderia imaginar sem tanta repercussão, se estende a determinações com efeito de *vida/morte* de sentidos. Pois as postulações geradas da dualidade primária(?) matéria/espírito, a princípio anulam ou restringem a dialética dos contrários e sem inclusão de opositos, fragmentam os modos de sentir-existir-fazer-se humano [n]o mundo, quanto geram nos adentros, cisões letais no humano e no mundo. Depois, sobre esses “pilares” consequentemente, são justificadas e concretizadas discriminações de geração, gênero, etnias, opções sexuais, povos, religiões, etc.

Por óbvio, se traz à pele a cultura narcísica da igualdade mimética que nos circunda e que alimenta nossas instituições sociais. Quão frágeis estão e nos apelam, processos de singularizações sob responsabilidades e cuidados solidários.

A cultura ocidental alicerçada na compreensão/explicação do ser humano pela matriz dicotômica na dualidade física/psique se vê hoje desafiada sob pressão de sobrevivência individual e coletiva, pessoal e contextual a retomar o mapa da configuração/constituição do ‘corpalma’ da humanidade/mundo em interatividade.

Passa então, pelo desejo utópico,

no duplo sentido, segundo Boaventura de Souza Santos: “do que já existe mas foi silenciado, reprimido ou até excluído mas ainda se sente parte integrada (ausente) e o que não existe e precisa ser incluído (a construir)”.

Para tanto, “desacordos” necessitam ser formulados, “dissensos” provocados intencionalmente em vista à [re]criação ou construção de novas formas de interioridade/exterioridade, objetivamente singular/autônoma/emancipada seja de indivíduos/grupos/países.

Do ponto de vista educacional os processos pedagógicos adotados por todas as instituições, não apenas a escolar formal, a par das retóricas discursivas, ‘modelam’ competências por processos identitários em mesmidade ou nos processos de ocultamento na indiferenciação.

Educandos, pacientes, clientes, funcionários, fiéis estão cada vez mais sob a matriz da pluralidade de si mesmos e dos individualismos identitários entre iguais. Tudo favorece/fomenta os sectarismos de todas as naturezas e dimensões, alicerça fundamentalismos de resistência protetora (!) ao agressivo aniquilador.

Vem à mente Eugen Drewermann ao dizer que as identificações hegemônicas inculcadas na linguagem funcionalizada-institucional “tira o que melhor há no homem e na mulher: a fantasia, a criatividade, a poesia, o amor, a coragem de opor resistência, a força do *ego*, a autonomia do ânimo, numa palavra, a força de uma personalidade livre...”

Aos educadores, aos (in)formadores de valores está posto o conflito entre a exacerbação do corpo e do espírito, apartados, está nos limites ou nas fronteiras do fundamento dual perpetuado e no empenho da criação de outras fundações que dêem conta do que somos e podemos ser.

Quando pessoas e grupos se conscientizaram dos limites da vida no planeta seja pela vida mesma a dar sinais de esgotamento ou por cientistas a comunicar dados comprobatórios, a atitude ecológica/mentalidade holística desenhou outra lógica, outra racionalidade para a otimização dos recursos vitais. É o que está por vir!

Finalizando, reparto um pequeno texto referente à questão de gênero, uma entre tantas construções socioculturais sob o modelo dualista e forjador de oposições excludentes. A *Vida* passa pela ‘inteiração’ com certeza...

*Mutilaram-nos em identidades opostas!*

*Por interesses outros:  
Diferentes nos hierarquizaram...  
Distintos nos deformaram...*

*Contrários (?) nos distanciaram...  
Fizeram-nos um menos que o outro!  
Ambos carentes da reciprocidade.*

*Impotentes à alteridade!  
Ao nos fazer metades complementares nos desumanizaram por inteiro. ☐*

**Regina Coeli Freitas dos Santos**, pedagoga, mestra em Teologia e diretora acadêmica do Instituto Metodista Bennett (RJ).

Ivone Gebara

# Caminho da Torre, caminho das aldeias

Tudo começa com o corpo.  
 Tudo se faz pelo corpo.  
 Tudo se inventa com o corpo.  
 Tudo se cria para o corpo.  
 Tudo se desfaz com o corpo.  
 O corpo atrai, repulsa, repugna, une, funde, ama, separa, odeia, mata, morre.  
 O corpo come, se come, tem fome, tem sede, bebe, se bebe.  
 O corpo respira, inspira, expira, conspira, pira.  
 O corpo emigra, transmigra, revive, retorna, retoma, ressuscita.  
 Corpo físico, corpo psíquico, corpo de pedra, corpo sólido, corpo líquido, corpo gasoso, corpo espírito, corpo espinho.  
 Corpo animal, corpo vegetal, corpo mineral, corpo humano, corpo da terra, corpo de Deus, de deusas, de deuses.  
 Corpo fala, corpo cala, mil falas, falárias, audácia.  
 Corpo cansa, descansa, descaso, acaso, oca-  
 so, caso, casa.  
 Corpo bom, corpo mau.

**Tudo é corpo. Nada é fora do corpo.**

O corpo é minha história e meu destino.  
 O corpo é minha vida e minha morte.  
 O corpo é meu amor, minha paixão, minha liberdade, minha igualdade, minha fraternidade, minha sororidade, minha esperança, minha saudade.  
 O corpo é minha carne, meu sexo, meu trabalho, minha cidade, meu país, meu mundo, minha terra, meu planeta, minha galáxia.  
 O corpo é meu igual, meu diferente, meu in-  
 differente, meu mais, meu menos, meu multipli-  
 cado, meu dividido, meu subtraído.  
 O corpo é meu teorema, minha hipótese, mi-  
 nha tese, minha antítese, minha síntese, minha  
 dialética, minha demonstração, minha alucinação.

O corpo é minha letra, minha linguagem, mi-  
 nha literatura, minha leitura, minha escritura.

O corpo é minha dor, minha angústia, minha lágrima, minha saliva, meu escarro.

O corpo é meu filho, minha mãe, meu pai, mi-  
 nha avó.

O corpo é meu mito, meu rito, minha ética, mi-  
 nha poética, minha religião, minha invenção.

O corpo é minha guerra, minha paz, minha ventania, minha calmaria, minha nostalgia.

**Tudo é corpo. Nada é fora do corpo.**

Cansados da conturbada história de todos os corpos, da diversidade dos corpos: exaustos das brigas de poder, das competições e assassinatos; um grupo decidiu construir uma Torre, a mais alta do mundo em meio a uma cidade grande. A Torre, inspirada na de Babel, tinha que ser no entanto, bem maior e mais forte. Talvez pudesse ser dupla, tripla ou quádrupla... De qualquer maneira seria um lugar perfeito para perfeitos. Seria altíssima, segura e se possível, tocaria o céu. Ao menos os que lá pudessem entrar seriam eternamente felizes.

Lá se falaria uma só língua, se usariam os mesmos gestos, as mesmas roupas, as mesmas comidas, as mesmas bebidas. Se ouviria a mesma música, se dançaria as mesmas danças, se cantariam os mesmos hinos. Não haveria problema de diversidade de expressão, de comunicação, de compreensão. Todos teriam a mesma linguagem, a globalização. Lá o sonho de igualdade seria realizado.

Lá se acabariam as desatinadas invejas dos homens e das mulheres, as sabotagens dos grandes e dos pequenos. Lá todos obedeciam ao mesmo comando e viveriam na paz da obediência a uma mesma voz. Assim se fez.

Convocaram os melhores construtores, acionaram potentes computadores, buscaram os melhores materiais e começaram a erguer a Torre da

igualdade e do poder único. Nada nem ninguém seria poupado para servir ao grande projeto imperial, o maior do mundo, o mais gigantesco de todos os tempos. O esforço era imenso, os custos altíssimos, mas valia a pena realizá-lo.

E, enquanto a construção acontecia, as discórdias continuavam e a intolerância com os que não queriam a Torre aumentava. Eram perseguidos, raptados, violados, escondidos, dominados, presos, massacrados. Cresceu a corrupção, cresceram os assassinatos, aumentou o número de feridos e estropiados. Morreram animais e insetos aos milhares, árvores foram abatidas, arbustos arrancados, colinas rebaixadas, rios desviados, mares secados, mas, tudo isso seria nada quando enfim a Torre estivesse terminada. Lá finalmente a diferença entre os corpos que a habitariam não existiria. Lá todas e todos que pudessem entrar teriam tudo e estariam sempre satisfeitos. Lá os corpos estariam tranquilos e as disputas terminadas. Lá não haveria desejos, só satisfação. Lá não se precisava mais sonhar porque tudo já era real. E a obra empreendida continuava a crescer e com ela, novas formas de violência cresciam também. Os sonhos não são perfeitos e há sempre os que tentam desfazer os sonhos dos outros!

Os insatisfeitos e os que não foram sequer convocados ou consultados para a construção usavam até seus corpos para tentar destruir a Torre. Demência! Violência! Impaciência! Eficiência! Seus corpos jovens e bonitos se tornavam arma. Seus sonhos terminavam numa explosão. Conseguiam abalar partes da Torre, mas nada demovia os construtores. Alcançariam seus objetivos, inaugurariam a Torre onde correria apenas *milk, honey and money*. E, enfim o *happy end* seria alcançado só para os que chegasse a ficar no interior da Torre, os eleitos, o povo escolhido, os melhores da raça humana. Os outros seriam apenas o preço pago pela grandiosa obra que estava sendo realizada. Os outros, voltariam ao pó de que outrora haviam sido feitos.

Foi então que um bloco de 'terráqueos apaixonados' pelo planeta' se deu conta, de forma aguda, da gravidade do que poderia acontecer com essa louca construção sobre as cinzas e os sonhos alheios. Resolveram então confundir os construtores da Torre. Convocaram mulheres e homens de todas as cores, de todos os tamanhos, de todas as línguas, com todas as danças, com todos os ritmos, com todas as gingas. Se reuniam em muitos lugares com prazer de estarem ali para construir aldeias de onde todas as pessoas pu-

dessem manifestar opiniões, expressar desejos e partilhar sonhos. Queriam a diversidade dos corpos, a liberdade das línguas, a pluralidade dos movimentos, o reinado da justiça. Queriam a partilha de bens, a fartura de comida, a abundância de bebida, a troca de ternura. Buscavam a tolerância, a solidariedade e a paciência entre as pessoas. Não eram perfeitos nem queriam um mundo perfeito. Queriam apenas vida digna para todos, queriam incluir cada vez mais grupos num sonho comum respeitando-lhes a diferença.

Nada de torres segregadas, nada de armas nem de guerras. Nada de canhões, de exércitos, de bombas atômicas, de bombas biológicas. Nada de fronteiras intransponíveis, nada de segurança armada, blindada, reforçada.

Fim à Polícia Mundial da Torre, polícia que pensava estar acima de qualquer outra. Fim ao direito da Torre, direito que se acreditava acima de qualquer outro. Fim da dominação da Torre.

Novo mundo, novas relações, novos sonhos coletivos, novas utopias para os corpos em movimento.

A sede de vinho era imensa, a fome de pão tremenda. As adegas e os celeiros estavam abarrotados. Só a partilha era necessária.

O desejo era de casa, o sonho era com terra, com lavoura floreando e árvores cheias de frutos. Só a partilha era necessária.

Mas, a Torre continuava em pé, erguendo-se para o alto, comendo materiais dos mais longínquos rincões e usando descaradamente a força humana. Porém, em baixo, bem perto de suas fundações milhares de aldeias começaram a se construir e a se espalhar. Os terráqueos amantes intentavam novos passos, criavam novos laços, abraços, jeitos de cuidar e de partilhar da terra e de seus frutos. "Um outro mundo é possível", diziam. "Um outro mundo é possível", ensinavam. "Um outro mundo é possível", oravam.

Só a História do amanhã continuará a contar a história dos corpos das aldeias e dos corpos da Torre. Quem viver até lá, saberá.

Eu que contei a história apostei no sonho das aldeias dos terráqueos, sonho que espera que a Terra seja o maravilhoso lugar para todos nós. E sabem por que?

Porque: **Tudo é corpo e nada é fora do corpo.**

# Educação, diferença e tolerância

Marcelo Gustavo Andrade de Souza

Diferença/indiferença, igualdade/desigualdade, tolerância/intolerância, corpos diante de corpos, faces que vêem faces.

As lutas, as guerras desfilam gestos de intolerância, de crueldade. Produziram intolerâncias terroristas que se mataram para matar os diferentes, no episódio das torres de Nova Iorque e nas montanhas do Afeganistão. Os diferentes querem eliminar os diferentes. "Educar para a tolerância"

Os acontecimentos de Nova Iorque e Washington, bem como os desdobramentos que se seguiram, principalmente o ataque norte-americano ao Afeganistão, configuraram um início de milênio com desafios só imaginados nos filmes de catástrofes da indústria norte-americana de cinema. Aquilo que parecia pura ficção tornou-se realidade. O inimigo oculto, que age sem avisar e de maneira trágica, tornou-se visivelmente cruel no choque dos aviões da American Airlines e United Airlines com as torres do World Trade Center e com o prédio do Pentágono.

Esta nova conjuntura mundial, marcada pela guerra, pelo terrorismo, pelo confronto de culturas, pela intolerância com o diferente, pelo medo generalizado, convida-nos a uma reflexão

sobre se um novo mundo é possível. Seria o sonho de um mundo irmanado e em paz algo impossível de ser realizado? A fraternidade entre os povos é apenas uma ilusão?

O confronto, o conflito, a disputa, a guerra entre nações – e mesmo dentro de uma mesma nação – sempre estiveram presentes na história da humanidade. No entanto, sempre cultivamos também um ideário de paz, concórdia e irmandade entre os povos, afinal, segundo a melhor tradição ocidental e cristã: *somos todos iguais, somos todos seres humanos, somos todos filhos de Deus*. E sendo assim, devemos todos nos amar e conviver fraternalmente.

No entanto, tem crescido a consciência de que o discurso sobre a igualdade nem sempre expressa a nossa condição humana, que é marcada também pela diversidade. Hoje, mais do que nunca, vivemos num espaço e tempo marcados pela efervescência das questões trazidas pela diferença. Diferença de gênero, de raça, de classe social, de orientação sexual, de identidades, de origens, de pertencimentos, de geração, etc. Diferença que até bem pouco tempo ficou ocultada pela força do discurso sobre a igualdade. Com exceção da diferença de classe social, as demais questões são relativamente novas, emergiram mais recentemente, tanto no campo das ciências sociais quanto na reflexão educacional.

Este contexto é entendido, cada vez mais, como multicultural, plural, diversificado, ou seja, marcado também pela diferença. Neste sentido, o mul-

ticulturalismo, enquanto um fenômeno de nosso tempo, de nosso mundo globalizado, é uma realidade que suscita novas questões para o campo educacional e que não pode ser ignorado ou minimizado.

Isso significa que a diferença é algo que inviabiliza o sonho da paz e da irmandade entre os povos? É evidente que o direito à diferença não pode ser visto como algo que se opõe à paz, mas não se pode negar que afirmar o direito à diferença traz novos desafios para esta temática.

## EIS QUE SURGE A DIFERENÇA...

O aparecimento de reivindicações com base na diferença traz à tona uma reflexão e uma disputa, muitas vezes veemente, sobre o lugar, os direitos, as representações, a vez e a voz das minorias em relação a uma determinada maioria. Poderíamos dizer que o multiculturalismo e a reivindicação pela diferença trazem o apelo do reconhecimento e da garantia de direitos de diversas identidades, tais como: o negro, a mulher, o homossexual, o indígena, o jovem, o idoso, e outros.

O que estes grupos ou estas identidades têm em comum? O sentimento de exclusão, o reconhecimento de estarem alijados dos mecanismos de poder e de produção de significados em nossas sociedades. As reivindicações baseadas na diferença, ou se preferirmos "reivindicações identitárias", surgem, pelo menos num primeiro momento, visando uma melhor integração de uma minoria às mesmas condições e direitos usufruídos pela maioria de

determinada sociedade ou nação, e não para se distanciar dela. Em raríssimos casos, as reivindicações identitárias são totalmente separatistas.

Neste sentido, é importante frisar que o processo de marginalização, provocado por características específicas – identitárias – de um conjunto de indivíduos, tem sido, muitas vezes, a força motriz para esse grupo se reconhecer como grupo que partilha uma identidade e também uma situação social desfavorável, a exclusão. Daí, não ser difícil perceber o porquê de muitas reivindicações chamadas multiculturais estarem marcadas pela indignação, assim como por conflitos, algumas vezes, violentos.

No entanto, seria errôneo pensar que o multiculturalismo apresenta apenas um desafio político, que talvez fosse resolvido com medidas de justiça social e promoção da igualdade entre grupos de uma determinada sociedade. O multiculturalismo traz ainda um desafio conceitual. Pensar, entender, refletir a partir do conceito de diferença nos convida a uma nova postura epistemológica.

#### UMA TEORIA PARA A DIFERENÇA

Para Semprini (1999), a “epistemologia multicultural” surge como questionamento, desconstrução, crítica a uma “epistemologia monocultural”. Sendo assim, não será difícil perceber que a maneira multicultural de entender o mundo possui uma enorme desvantagem de argumentação aos olhos da opinião pública, do senso comum, pois questiona ‘a natureza das coisas’,

‘o bom senso’, ‘o fato de as coisas serem como são’, de acordo com os padrões dominantes em nossa sociedade. Neste sentido, o multiculturalismo é algo perturbador, que tira a segurança, que questiona idéias e concepções que oferecem garantia e sustentação para muitos aspectos da vida social. A teoria multicultural traz à tona as contradições da sociedade ocidental que se professa universalista e igualitária, mas que, diante dos questionamentos multiculturais, descobre-se monocultural e profundamente marcada pela desigualdade.

Entre as contradições reveladas pelo multiculturalismo, chamadas por Semprini de “aporias conceituais”, destaco duas: a da universalidade e da igualdade.

■ *Universalismo versus relativismo.* Para os multiculturalistas, de universal o universalismo só tem o nome. Defendem que a existência de critérios universais é um engodo e uma violência, pois uma análise com mais apuro da história da humanidade demonstra que valores universais são tão somente valores particulares, de alguns, de um determinado grupo, impostos a todos como se fossem de todos. *Ele [o universalismo] pode ser realizado somente eliminando-se a diferença, reduzindo ao silêncio as vozes discordantes e transformando em obrigação universal o que é somente um ponto de vista particular* (Semprini). Levando-se em conta o relativismo, seria impossível estabelecer um ponto de vista único e universal sobre conhecimento, moral, justiça, verdade, etc., ao menos

enquanto existirem grupos ou minorias com projetos e finalidades discordantes. Por isso, o universalismo só é possível com a eliminação dos diferentes.

■ *Igualdade versus diferença.* Esta aporia caracteriza a questão central das disputas multiculturais. É o valor da igualdade que alimenta a utopia universalista. Os multiculturalistas, como os universalistas, afirmam que a igualdade é um equívoco, pois a igualdade pretendida – ou pelo menos até então defendida – pelos monoculturalistas não engloba o conjunto de todos os cidadãos, porque exclui inúmeros indivíduos, grupos e identidades, do acesso a todos os bens e direitos. Para os multiculturalistas, a igualdade é um valor ilusório e abstrato, pois não se aplica a indivíduos reais, mas a um cidadão ideal, ou idealizado, a partir de um grupo particular, que não corresponde a todos, mas sim a alguns. Por mais contraditório que pareça, o multiculturalismo afirma que não há nada mais universal que as diferenças humanas, se há algo que caracteriza todos os seres humanos, este algo é o fato de sermos diferentes, o que não justificaria em hipótese alguma a desigualdade.

Podemos perceber que as críticas do multiculturalismo são bastante abrangentes em suas questões e trazem para o centro do debate a temática da diferença. Neste sentido, concordo com Silva (1999) ao considerar que uma das mais importantes contribuições do multiculturalismo foi transferir para o terreno político uma compreensão da diversidade cultural que

Poderíamos dizer que o multiculturalismo e a reivindicação pela diferença trazem o apelo do reconhecimento e da garantia de diversas identidades, tais como: o negro, a mulher, o homossexual, o indígena, o jovem, o idoso, e outros

estava restrita, durante muito tempo, a campos especializados como o da Antropologia.

#### DIFERENÇA E INTOLERÂNCIA

Sem dúvida, o tema da diferença tem representado um avanço na reflexão sobre nossa sociedade e nossa escola. No entanto, não podemos esquecer que este tema nos apresenta dois 'perigos', ou como afirmam alguns estudiosos: ciladas da diferença.

A primeira cilada consiste em afirmar a diferença para legitimá-la enquanto desigualdade. Esta tem sido a bem sucedida estratégia do pensamento conservador de direita. Ou seja, o discurso da diferença é preferido e muito bem utilizado pelos defensores da manutenção do *statu quo*, aqueles avessos às mudanças sociais mais profundas. afirmar, por exemplo, que o negro é diferente, que a mulher é diferente, que o homossexual é diferente, não colabora muito para melhorar ou extinguir a situação de exclusão na qual estes grupos se encontram, pois esse tipo de afirmação só confirma o já sabido, o que todos experimentam e reconhecem no campo das apariências. A cilada desta argumentação é enfocar a diferença que nos constitui, legitimando e alargando as desigualdades sociais construídas a partir des-

sas diferenças. Neste sentido, os defensores do direito à diferença, precisam, inevitavelmente, argumentar que diferença não significa desigualdade. O que nem sempre é uma tarefa fácil.

A segunda cilada é sobre uma possível atitude intolerante que surge a partir do reconhecimento da diferença. Reconhecer a diferença não significa necessariamente a sua aceitação. Os acontecimentos de Nova Iorque nos remetem a uma situação de reconhecimento da diferença e de uma recusa violenta desta diferença. Os ataques aos símbolos do militarismo e do capitalismo ocidentais (Pentágono e World Trade Center) realizados por terroristas supostamente muçulmanos e os ataques norte-americanos ao Afeganistão são exemplos de uma intolerância que se efetiva após o reconhecimento da diferença. Essas ações bélicas, de ambos os lados, soam como uma afirmação que significa o seguinte: somos diferentes e não podemos conviver, somos diferentes e não nos aceitamos, somos diferentes e por isso nos eliminamos. O discurso da diferença pode legitimar a ações deste tipo, pois o outro significa uma ameaça – real, suposta ou imaginada – ao nosso grupo, à nossa maneira de existir, pensar e nos organizar socialmente.

Sendo assim, acredito que o tema do respeito à diferença, e sua necessária articulação com o direito à igualdade, remete-nos essencialmente a uma questão ética. Trata-se de como consideramos e nos relacionamos com o outro, o diferente. Só nos é possível compreender quem somos na medida em que compreendemos o outro e nos percebemos compreendidos por ele. O ser humano é essencialmente relacional. E aqui o tema da ética se articula com a identidade. Somos na medida em que nos relacionamos. Afinal, o que melhor caracteriza o ser huma-

no nesta relação? Somos todos iguais ou somos todos diferentes? A nossa identidade está na nossa pluralidade ou na nossa universalidade? É possível falar 'o ser humano' ou só é possível falar em homens e mulheres particulares e diversos? Seria um retrocesso supormos um dualismo entre igualdade e diferença, entre universal e particular, mas a dialética entre estas duas dimensões também não é uma articulação tranquila. Ainda que retiremos a alternância entre as duas, a questão persiste: afinal, como é possível entender a nossa humanidade enquanto iguais e diferentes? Até que ponto somos iguais? E até que ponto somos diferentes? Em que somos iguais e em que somos diferentes? E como articular igualdade e diferença a fim de garantir a tolerância, o respeito e a necessária articulação dessas temáticas, principalmente na educação escolar?

#### É POSSÍVEL EDUCAR PARA A TOLERÂNCIA?

Se quisermos educar para o respeito à diferença teremos que encontrar justificativas que nos fortaleçam nesta tarefa. A primeira afirmação, neste sentido, é que até podemos sonhar com o máximo, ou seja, a fraternidade e a paz entre os povos. No entanto, se quisermos ser mais realistas – alguns aqui me chamarão de pessimista – podemos construir estratégias que assegurem o mínimo: a tolerância. Se tem sido difícil – para não dizer impossível – exigir que nos amemos fraternalmente, porque "somos todos iguais, seres humanos e filhos de Deus", então melhor será construir estratégias que garantam a tolerância como requisito mínimo para a convivência humana. Se não tem sido possível o amor fraternal para alcançarmos a paz, pelo menos a tolerância. As propostas sobre a tolerância saem do campo do ideal – do qual

Por mais contraditório que pareça, o multiculturalismo afirma que não há nada mais universal que as diferenças humanas, se há algo que caracteriza todos os seres humanos, este algo é o fato de sermos diferentes, o que não justificaria em hipótese alguma a desigualdade

concordo que não devemos abrir mão, pois o sonho é inerente ao ser humano – para encontrar saídas possíveis no campo do real.

Nesta perspectiva, o importante então é colocar a diferença num campo de significação positiva, para que a tolerância não pareça uma concessão indiferente, distante que eu faço ao outro. Como já apresentamos, afirmar a diferença pode criar possibilidades de justificativas para a desigualdade. A diferença supostamente reclamaria e justificaria uma desigualdade de fato. Não é difícil concluir, pelo menos no âmbito do senso comum, que somos desiguais porque somos diferentes em aptidões, habilidades, capacidades. Bem, se quisermos fugir dessa cilada, talvez, uma possível saída seja alertar para o fato de que o contrário de diferença não é igualdade, mas sim a indiferença.

Os processos de desigualdade devem ser combatidos com a afirmação da igualdade. E a afirmação da diferença não questiona a igualdade, mas a indiferença. Estar indiferente remete-nos à idéia de desinteresse, desprezo, insensibilidade, negligência, apatia. Afirmar a diferença, então, pode – e deve – ser associado ao campo semântico positivo, de estar interessado, atento, sensível, ter apreço. Mas estar

atento a quê? sensível a quê? Ao outro, à alteridade, ao que não sou eu e, por isso mesmo, também diferente. Nesta perspectiva, diferença pode ser associada à abertura ao outro, à recusa de estar fechado em si mesmo, desinteressado do outro que me cerca, indiferente, apático. Assim, afirma-se a igualdade para se superar a desigualdade. E afirma-se a diferença para se superar a indiferença. Igualdade e diferença afirmam a inclusão e a abertura ao outro. Desigualdade e indiferença negam o outro, excluem-no, desqualificam-no.

A tolerância pode ser dosada pelo bom senso, se não, corre-se o risco de cair em um relativismo de consequências duvidosas. Sendo assim, tem sido consenso afirmar que a tolerância tem seu limite na intolerância, ou em outras palavras, deve-se ser intolerante com os intolerantes. Nesta perspectiva, não se deveria permitir nenhuma manifestação de intolerância com o diferente, pois a intolerância não é apenas questão de não tolerar as opiniões divergentes; ela é agressiva e com freqüência assassina, no seu ódio à diversidade alheia. Por um lado, é importante rejeitar o relativismo radical; por outro, devemos reconhecer que a intolerância assassina tem se tornado um desafio para todos nós neste início de milênio.

No contexto brasileiro – e arrisco-me a dizer latino-americano –, a intolerância com o que é diferente se revela muito mais no que é tolerado e, principalmente, como é tolerado. A não-aceitação do diferente tem sido marcada entre nós pelo preconceito dissimulado, que atravessa a nossa linguagem, as nossas anedotas, a nossa expectativa, a nossa representação, as nossas práticas em relação aos grupos social e culturalmente discriminados. Situações que, não raro, levam esses

grupos a experimentarem desvantagens na garantia de seus direitos e de sua dignidade.

Finalmente, o que podemos concluir é que o tema da diferença trouxe para o campo da educação um conjunto de novas e instigantes questões que não podem mais ser desconsideradas. Toda esta discussão que emerge a partir da defesa do direito à diferença e do direito à igualdade traz para a escola um constante desafio, pois só aprenderemos a descobrir e a valorizar a diversidade convivendo com pessoas diferentes, diversas, plurais. Sem dúvida, é graças à maneira de ser, pensar e agir de cada um que o mundo fica mais interessante, mais diverso, menos apático. Mas, infelizmente, ainda há diferenças que são verdadeiros estígmas, funcionam em nossas sociedades como marcas vergonhosas que expõem ao desprezo, à opressão e até mesmo à eliminação física. Muitos de nós, em muitos recantos do mundo, não aprendemos ainda a respeitar aquele e aquele que anda diferente, que fala diferente, que vê o mundo com outros olhos, que tem a cor da pele diferente, que crê de modo diferente, que deseja e se identifica de outro modo, que pertence a outra cultura, a outra geração ou a outra classe social. No entanto, acredito que todas as pessoas são seres absolutamente valiosos e todas elas podem e têm importantes contribuições a dar, desde que todas tenham oportunidades de aprender e conviver. E sobre isso o campo educacional tem muito a dizer.

Marcelo Gustavo Andrade de Souza, filósofo, professor e doutorando em educação.

#### REFERÊNCIAS

- PIERUCCI, Antônio Flávio. *Ciladas da diferença*. São Paulo: Editora 34, 1999.  
SEMPRINI, Andrea. *Multiculturalismo*. Bauru, SP: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.  
SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

# Meios de comunicação:

Carlos Azevedo

Meios de comunicação e armas andam bem associados. Rádio, televisão, jornais e mesmo a Internet são gerados e manipulados pela engenharia militar. São armas de convencer, de lavar cérebros. Estão "a serviço de interesses nem sempre humanitários"

A primeira vítima de uma guerra é a verdade. Com certeza, em época de conflitos bélicos mundiais, tal afirmação aplica-se muito bem ao papel da mídia. A chamada guerra contra o terrorismo empreendida pelos Estados Unidos contra o Afeganistão traz de volta a visão dos meios de comunicação como instrumentos de busca da hegemonia e do controle da opinião pública mundial. É interessante acompanharmos a evolução das relações entre o campo dos *media* e a instituição militar para entendermos a fundo a cobertura dada pelos veículos nacionais e internacionais ao conflito.

No livro *Estratégias de Comunicação* (Lisboa, 1990), o professor catedrático da Faculdade de Ciências da Comunicação, da Universidade Nova de Lisboa, Adriano Duarte de Rodrigues, nos historia as relações entre a instituição dos *media* e os militares. Para ele, a comunicação é peça fundamental para as guerras. *Não admira, por isso, que a fotografia, o cinema, o megafone, a telefonia, o telégrafo, a televisão tenham sido logo associados, desde os primeiros tempos ao campo militar. A história, senão a origem dos media, depende em grande parte da história das próprias armas.* Ou seja, em alguns casos, instrumentos de comunicação são inventados primeiramente com fins militares e só depois são explorados comercialmente pelos

civis. Mesmo no caso do cinema, que surgiu inicialmente como arte civil, no começo do século XX, como um divertimento sem maiores pretensões, com seu desenvolvimento industrial, passou logo a instrumento de propaganda ideológica para o imperialismo norte-americano e para o regime nacional-socialista de Adolf Hitler.

O rádio destaca-se no uso militar das tecnologias de comunicação. Devido a sua instantaneidade, o meio rádio ajudava e ajuda ainda na movimentação das tropas e na troca de informações entre as posições dos soldados no *front*. O uso do rádio por regimes totalitários é marcante no caso alemão durante a Segunda Guerra, quando Hitler pronunciava seus discursos racistas e inflamados conclamando a união da raça "superior" para dominar o mundo.

A própria Internet é fruto da engenharia militar. Nascida nos Estados Unidos em 1969, seu nome original era *Advanced Research Projects Agency*. Produto da Guerra Fria, que dividia o mundo entre duas potências, Estados Unidos e União Soviética, a função da Internet era militar, para articular centros de defesa em caso de um ataque soviético. Hoje, a Internet encontra-se na sua terceira fase, a comercial. A segunda fase de tecnologia de comunicação digital foi universitária, quando foi popularizada primeiramente nos

# armas de guerra

centros de ensino superior no mundo. Com o desenvolvimento da interface gráfica da *World Wide Web*, a Internet foi simplificada com o uso de ícones que facilitam a utilização por um público leigo.

A televisão influenciou muito a população civil norte-americana durante a guerra do Vietnã, na década de 1960. A exibição de combates e da crueldade dos próprios militares americanos com os vietnamitas mudou radicalmente a relação que a opinião pública estadunidense tinha com aquele conflito. Protestos internos foram responsáveis pela retirada dos militares da guerra do Vietnã. Aprendida essa lição, hoje os norte-americanos antes de começar qualquer conflito bélico promovem uma clara censura aos meios, principalmente à TV. Isso ocorreu na Guerra do Golfo (1990-91) contra o Iraque. As imagens dos bombardeios eram noturnas, reduzidas a apenas clarões numa tela esverdeada. Além disso, o discurso da rede mundial de TV, CNN dizia que com a precisão cirúrgica das bombas guiadas por computadores e sinais de rádio, as baixas civis eram reduzidas. Tratava-se de uma guerra "limpa" segundo a ideologia difundida pelos americanos. Versão acriticamente comprada pelas TVs brasileiras que aplaudiram esse novo tipo de guerra "sem sangue nem mutilações". No entanto, a realidade

foi bem diferente, uma guerra como as outras, só que o cerco ao inimigo também foi feito pela mídia. Enfim, uma guerra midiática, disputa pela hegemonia da "verdade".

O entre-guerras fez surgir os Estados Unidos como potência mundial, é o que assinala o pensador da comunicação Armand Mattelart, belga radicado na França, autor do livro *História da utopia planetária* (Lisboa, 2000). Para ele, os norte-americanos tiraram grandes lições dos choques empreendidos pelas potências mundiais expansionistas e imperialistas. Basta dizer que o governo norte-americano mobilizou especialistas da comunicação para pensar a questão da opinião pública em época de guerra. Um dos primeiros trabalhos sobre o assunto foi do cientista Walter Lippman, especialista em opinião pública, que escreveu em 1922 o livro *Public opinion*. Um outro pioneiro não menos importante foi Harold Lasswell (1902-1978), que escreveu *Técnica de propaganda na guerra mundial*, em 1927. Promovendo uma sábia dosagem de desinformação, informação e censura, os americanos criam o conceito de guerra psicológica, no qual o inimigo (comunistas, terroristas, nacionalistas) é alvo de uma propaganda política difamatória. As agressões não se dirigem agora apenas ao corpo, mas também à alma, ao espírito, ao ego dos adversários. É

nesse contexto que o governo dos Estados Unidos criam a chamada rádio *Voz da América*, para difundir ideologias, quebrando fronteiras, em 1933.

Mas a propaganda política, que ganha *status de ciência* para muitos, não só é utilizada pelos anglo-saxões. A União Soviética e China também souberam utilizar muito bem por meio de campanhas contra o imperialismo norte-americano e estimulando os países colonizados a aderirem ao socialismo, reforçando o bloco oriental. Os regimes fascista e nazista também produziram seus materiais de propaganda política. Assim, instala-se no mundo a busca da difusão de ideologias diversas através dos meios de comunicação, num mercado global pelo convencimento.

Com o fim da Guerra Fria e a dissolução de uma utopia do socialismo internacionalista, o mundo aparentemente encontrava-se em relativa paz. Engano, engano. O pensador Armand Mattelart atesta: "A ausência desde o fim da Guerra Fria, dum adversário global claramente identificável" para os Estados Unidos criou a ilusão de um mundo unipolar em que os riscos de conflitos eram mais econômicos do que militares devido aos blocos como Comunidade Européia, Mercosul, Nafta, entre outros. Engano, o inimigo agora é o terrorismo, que destruiu, em alguns rápidos golpes, símbolos da

TVs brasileiras aplaudiram esse novo tipo de guerra "sem sangue nem mutilações". No entanto, a realidade foi bem diferente, uma guerra como as outras, só que o cerco ao inimigo também foi feito pela mídia. Enfim, uma guerra midiática, disputa pela hegemonia da "verdade"

hegemonia militar e econômica ianque com os atentados aos prédios do World Trade Center e ao Pentágono.

Desta vez o inimigo não era mais um país, um Estado-Nação como querem pesar os americanos. Um inimigo invisível, que se move em redes subterrâneas que ligam máfias, radicalismos religiosos e interesses econômicos. É o que Mattelart chama de "novas frentes mundiais de desordem" forças que se movem no *imundus* e desafiam o *mundus*. Uma luta entre a ordem capitalista e suas próprias entranhas, estranhas entranhas.

Ao bombardearem o Afeganistão, os Estados Unidos querem acalmar a opinião pública interna, com frases de efeito, dizendo "calma, já temos controle da situação, já identificamos o inimigo". A guerra – seria preferível chamar de massacre – contra o Afeganistão tem os mesmos princípios consagrados pelos teóricos da propaganda de guerra. Como o que foi feito na Guerra do Golfo (1990-91), primeiro o campo de batalha é cercado e a mídia afastada do local. Nada de imagens iniciais sobre o massacre. No máximo, assépticas imagens geradas por câmeras noturnas de alta tecnologia mostrando os mísseis teleguiados por computador e rádio atingindo alvos cirurgicamente escolhidos.

Fechado o cenário de combates e promovida a censura aos meios de comunicação é hora de se manipular a

opinião pública em tempos de guerra. São encomendadas pesquisas apoiando a iniciativa de guerra contra o inimigo agora palpável, o Afeganistão, país pobre, sem a menor condição de resistência ao poderio tecno-militar global americano. A repetição da imagem do avião se chocando contra as torres do WTC é exaustiva, talvez a cena mais vista do planeta. O mercado mundial de imagens é manipulado para se costurar a necessidade de guerra, expondo a necessidade de se ter um *boom* global contra o terrorismo. Clima de faroeste *high tech*, no qual a personalização dos conflitos chega ao extremo, apenas existe um culpado que deve ser caçado, o milionário Osama bin Laden. Retomam-se também as polaridades entre Oriente e Ocidente, islamismo e cristianismo, fé e razão entre outras. A guerra psicológica também chega ao *front*, milhares de rádios são distribuídos, lançados pelos aviões para que a população possa ouvir as mensagens transmitidas pelo inimigo. Panfletos conclamando a rendição, redigidos na língua dos habitantes do Afeganistão são atirados do céu, bem como bombas e alimentos.

A orquestração da mídia pelos instrumentos de propaganda política da grande potência econômica global em crise é notória. Os grandes veículos não fazem jornalismo, mas sim propaganda de guerra. E os princípios são

os mesmos: simplificação da questão com a criação de *slogans* facilmente entendidos ("morte aos terroristas", "guerra contra o terror"), criação de um inimigo único, um bode expiatório (Osama bin Laden), orquestração de vozes contra esse inimigo (orquestração feita pelo primeiro ministro britânico Tony Blair, que tenta convencer tudo e todos a apoiarem a guerra) entre outras técnicas usadas com sucesso pelos americanos na Segunda Grande Guerra.

A comunicação persuasiva da propaganda contamina o jornalismo. A razão cede espaço à falta de senso crítico por parte de boa parte da imprensa mundial, francamente comprometida com as megacorporações e interesses econômicos. A busca de uma opinião pública mundial favorável à intervenção militar não pode durar muito, pode mudar como o vento. Ao sabor das imagens, gritos e sangue de uma guerra na qual os meios de comunicação funcionam como armas, armas de convencer, a serviço de interesses nem sempre humanitários.

Carlos Azevedo, jornalista e professor do curso de Comunicação da UFPB.

# Índice de Tempo e Presença

2001

## AUTORES

- ALMEIDA, Eliene Amorim de. *Educação e escolas indígenas*. 23(315): jan./fev.22-25.
- ALVES, Rubem. *Sobre computadores, deuses e o universo*. 23(318): jul./ago.37-38.
- \_\_\_\_\_. *Coitado do corpo...* 23(317): mai./jun.41-42.
- \_\_\_\_\_. *Sobre simplicidade e sabedoria*. 23(316): mar./abr.37-38.
- \_\_\_\_\_. *Sobre cebolas e escolas*. 23(315): jan./fev.-2001, 45-46.
- \_\_\_\_\_. *Carta a um adolescente (sobre drogas)*. 23(319): set./out.49-50.
- \_\_\_\_\_. *Todo cadáver é semente, todo túmulo é canteiro*. 23(320): nov./dez.33-34.
- ARAÚJO, Inesita. *Televisão e indianidade*. 23(315): jan./fev.13-21.
- ARAÚJO, Joel Zito. *Telenovela e racismo*. 23(315): jan./fev.26-27.
- ARRUTI, José Maurício. *Comunidades remanescentes de quilombos*. 23(319): set./out.25-29.
- ARZE, Miguel Castro. *Em busca da "Terra Sem Males" no Grande Chaco americano*. 23(318): jul./ago.18-20.
- ASEL. *Ecumenismo, ética e pluralismo*. 23(316): mar./abr.6.
- ASSIS, José Chacon de. *Água, petróleo do século XXI*. 23(317): mai./jun.7-9.
- BENJAMIN, César. *Geopolítica da vingança*. 23(320): nov./dez.27-29.
- BERMANN, Célio. *Hidrelétricas: águas para a vida, não para a morte!* 23(317): mai./jun.10-13.
- BOTAS, Paulo Cézar Loureiro. *Quem tem medo de chocolates?* 23(316): mar./abr.7-10.
- BRANDÃO, Ana Paula. *A experiência do Canal Futura*. 23(315): jan./fev. 2000, 7-12.
- CARVALHO, Marcelo. *O nosso fórum e o desle*. 23(315): jan./fev.43-44.
- CAVALCANTI, Tereza. *Banhos: instituição e sensibilidade*. 23(316): mar./abr.11-14.
- COSTA, Jurandir Freire. *Neil Jordan e a liberdade do agir*. 23(316): mar./abr.15-18.
- DIAS, Zwinglio M. *Uma aventura ecumênica obstinada*. 23(316): mar./abr.31-33.
- \_\_\_\_\_. *Comunidade terapêutica: uma proposta*. 23(320): nov./dez.10-14.
- \_\_\_\_\_. *A (des)intergração da América Latina*. 23(318): jul./ago.21-24.
- DINES, Alberto. *O complô do silêncio na mídia*. 23(315): jan./fev.38-39.
- FERRO, Fernando. *Fracassos oficiais convertem à droga e fortalecem o tráfico – entrevista*. 23(320) Suplemento: nov./dez.20-24.
- FIALHO, Carlos Eduardo M. *Visões do Nordeste*. 23(316): mar./abr.19-22.
- FILIPPINI, Mabel. *Alca versus Mercosul*. 23(318): jul./ago.7-11.
- FIORI, José Lufs. *O triste fim da fronda tucana*. 23(318): jul./ago.32-34.
- FRAGA, Paulo Cesar Pontes & IULIANELLI,

Jorge Atílio Silva. *Juventude e narcosnegócio no submédio São Francisco*. 23(320) Suplemento: nov./dez.2-15.

GALLEGOS, Anastasio. *Novos atores sociais*. 23(318): jul./ago.12-14.

GEBARA, Ivone. *Da surdez da comunicação*. 23(315): jan./fev.40-42.

\_\_\_\_\_. *O filme de que eu gosto*. 23(316): mar./abr.23-25.

\_\_\_\_\_. *A cor da pele e seus (dis)sabores*. 23(319): set./out.46-48.

\_\_\_\_\_. *"Dá-me de beber"*. 23(317): mai./jun.26-28.

\_\_\_\_\_. *Natalina*. 23(320): nov./dez. 25-26.

\_\_\_\_\_. *Pacha Mama ou Pátria Grande*. 23(318): jul./ago.25-27.

GONÇALVES, José. *Conferência Mundial contra o Racismo*. 23(319): set./out.42-45.

\_\_\_\_\_. *Angola: um alerta mundial*. 23(317): mai./jun.23-25.

HERINGER, Rosana. *Estratégias recentes da luta contra o racismo*. 23(319): set./out.13-16.

IULIANELLI, Jorge Atílio Silva. *Águas para a vida no sertão*. 23(317): mai./jun.18-22.

LEITE, Gabriela Silva. *Evolução histórica na rebeldia*. 23(320): nov./dez.20-24.

LONDRES, Flávia. *Factíveis os transgênicos?* 23(318): jul./ago.28-31.

MAGALHÃES, Laerte. *Produção e disputas de sentido na mídia*. 23(315): jan./fev.32-37.

MERCADANTE, Aloizio. *A privatização do setor elétrico*. 23(317): mai./jun.38-40.

MONTEIRO, Yara Nogueira. *As igrejas e os desafios da Aids*. 23(320): nov./dez.7-9.

OLIVEIRA, Jelson. *Terrorismo e reforma agrária no Brasil*. 23(320): nov./dez. 30-31.

PADILHA, Anivaldo. *Um continente em perigo*. 23(320): nov./dez.15-17.

PAIXÃO, Marcelo. *Raça e classe*. 23(319): set./out.7-12.

PENNA FILHO, Pio. *Dilemas da integração no sul da África*. 23(319): set./out.38-41.

PINHO, Osmundo de Araújo. *Revolução afrodescendente do século XXI*. 23(319): set./out.17-21.

PINHO, Patrícia. *A África que se cria na Bahia*. 23(319): set./out.30-32.

PROCÓPIO, Argemiro. *Estado, soberania e o Plano Colômbia*. 23(318): jul./ago.15-17.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Objetividade e autoridade jornalística*. 23(315): jan./fev.28-31.

ROCCO, Rogério. *Baía de Guanabara, baía cidadã*. 23(317): mai./jun.29-32.

ROSENTHAL, Caio & SCHEFFER, Mário. *O novo paciente terminal*. 23(320): nov./dez.18-19.

SADER, Emir. *O goleiro Serjão*. 23(320): nov./dez.32.

SANTOS, Joel Rufino dos. *A esquizofrenia e a chantagem*. 23(318): jul./ago.35-36.

SANTOS, Martins Pastor. *De ferro, de ouro, de sonho e de choro, assim que é!* 23(317): mai./jun.33-37.

SERRA, Ordep. *Monumentos negros*. 23(319): set./out.22-24.

TEIXEIRA, Faustino. *Reflexões teológicas sobre censura*. 23(316): mar./abr.28-30.

THOMAZ, Osmar Ribeiro. *Brasil e África na virada do século*. 23(319): set./out.33-37.

TORRES-LONDOÑO, Fernando. *Colômbia: em busca da paz*. 23(316): mar./abr.34-36.

VAINER, Carlos B; VIEIRA, Flávia Braga; PINHEIRO, Daniele Carvalho. *Há que barrar as barragens*. 23(317): mai./jun.14-17.

VASINO, Adriano, Bispo. *Por uma Cultura da paz versus violência – entrevista*. 23(320) Suplemento: nov./dez.16-19.

## TEMAS

### AÇÃO SOCIAL

IULIANELLI, Jorge Atílio Silva. *Águas para a vida no sertão*. 23(317): mai./jun.18-22.

KOINONIA. *Polígono da maconha presente: que pena!* 23(317): mai./jun.6.

KOINONIA. *Década para superar a violência*. 23(318): jul./ago.39.

KOINONIA. *Cotas de democracia*. 23(319): set./out.6.

KOINONIA. *Patentes e a hipocrisia americana*. 23(320): nov./dez.6.

KOINONIA. *Ainda um Brasil de desigualdades e descaso*. 23(318): jul./ago.6.

KOINONIA. *Cidadania, solidariedade*. 23(315): jan./fev. 2000, p.6.

LEITE, Gabriela Silva. *Evolução histórica na rebeldia*. 23(320): nov./dez.20-24.

### ÁGUA

ASSIS, José Chacon de. *Água, petróleo do século XXI*. 23(317): mai./jun.7-9.

BERMANN, Célio. *Hidrelétricas: águas para a vida, não para a morte!* 23(317): mai./jun.10-13.

GEBARA, Ivone. *"Dá-me de beber"*. 23(317): mai./jun.26-28.

GONÇALVES, José. *Angola: um alerta mundial*. 23(317): mai./jun.23-25.

IULIANELLI, Jorge Atílio Silva. *Águas para a vida no sertão*. 23(317): mai./jun.18-22.

ROCCO, Rogério. *Baía de Guanabara, baía cidadã*. 23(317): mai./jun.29-32.

### AIDS

KOINONIA. *Patentes e a hipocrisia americana*. 23(320): nov./dez.6.

LEITE, Gabriela Silva. *Evolução histórica na rebeldia*. 23(320): nov./dez.20-24.

MONTEIRO, Yara Nogueira. *As igrejas e os desafios da Aids*. 23(320): nov./dez.7-9.

PADILHA, Anivaldo. *Um continente em perigo*. 23(320): nov./dez.15-17.

ROSENTHAL, Caio & SCHEFFER, Mário. *O novo paciente terminal*. 23(320): nov./dez.18-19.

## AMÉRICA LATINA

ARZE, Miguel Castro. *Em busca da "Terra Sem Males" no Grande Chaco americano.* 23(318): jul./ago.18-20.

DIAS, Zwinglio M. *A (des)intergração da América Latina.* 23(318): jul./ago.21-24.

GALLEGOS, Anastasio. *Novos atores sociais.* 23(318): jul./ago.12-14.

GEBARA, Ivone. *Pacha Mama ou Pátria Grande.* 23(318): jul./ago.25-27.

PROCÓPIO, Argemiro. *Estado, soberania e o Plano Colômbia.* 23(318): jul./ago.15-17.

TORRES-LONDOÑO, Fernando. *Colômbia: em busca da paz.* 23(316): mar./abr.34-36.

## CINEMA

BOTAS, Paulo Cézar Loureiro. *Quem tem medo de chocolates?* 23(316): mar./abr.7-10.

CAVALCANTI, Tereza. *Banhos: instituição e sensibilidade.* 23(316): mar./abr.11-14.

COSTA, Jurandir Freire. *Neil Jordan e a liberdade do agir.* 23(316): mar./abr.15-18.

FIALHO, Carlos Eduardo M. *Visões do Nordeste.* 23(316): mar./abr.19-22.

GEBARA, Ivone. *O filme de que eu gosto.* 23(316): mar./abr.23-25.

## COMUNICAÇÃO

ARAÚJO, Inesita. *Televisão e indianidade.* 23(315): jan./fev.13-21.

BRANDÃO, Ana Paula. *A experiência do Canal Futura.* 23(315): jan./fev. 2000, 7-12.

DINES, Alberto. *O complô do silêncio na mídia.* 23(315): jan./fev.38-39.

GEBARA, Ivone. *Da surdez da comunicação.* 23(315): jan./fev.40-42.

MAGALHÃES, Laerte. *Produção e disputas de sentido na mídia.* 23(315): jan./fev.32-37.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Objetividade e autoridade jornalística.* 23(315): jan./fev.28-31.

## CRÔNICAS

ALVES, Rubem. *Sobre computadores, deuses e o universo.* 23(318): jul./ago.37-38.

\_\_\_\_\_. *Coitado do corpo...* 23(317): mai./jun.41-42.

\_\_\_\_\_. *Sobre simplicidade e sabedoria.* 23(316): mar./abr.37-38.

\_\_\_\_\_. *Sobre cebolas e escolas.* 23(315): jan./fev.-2001, 45-46.

\_\_\_\_\_. *Carta a um adolescente (sobre drogas).* 23(319): set./out.49-50.

\_\_\_\_\_. *Todo cadáver é semente, todo túmulo é canteiro.* 23(320): nov./dez. 33-34.

GEBARA, Ivone. *Da surdez da comunicação.* 23(315): jan./fev.40-42.

\_\_\_\_\_. *O filme de que eu gosto.* 23(316): mar./abr.23-25.

\_\_\_\_\_. *A cor da pele e seus (dis)sabores.* 23(319): set./out.46-48.

\_\_\_\_\_. *"Dá-me de beber".* 23(317): mai./jun.26-28.

\_\_\_\_\_. *Natalina.* 23(320): nov./dez. 25-26.

\_\_\_\_\_. *Pacha Mama ou Pátria Grande.* 23(318): jul./ago.25-27.

SADER, Emir. *O goleiro Serjão.* 23(320): nov./dez.32.

## ECUMENISMO

ASEL. *Ecumenismo, ética e pluralismo.* 23(316): mar./abr.6.

DIAS, Zwinglio M. *Uma aventura ecumênica obstinada.* 23(316): mar./abr.31-33.

\_\_\_\_\_. *Comunidade terapêutica: uma proposta.* 23(320): nov./dez.10-14.

KOINONIA. *Década para superar a violência.* 23(318): jul./ago.39.

TEIXEIRA, Faustino. *Reflexões teológicas sobre censura.* 23(316): mar./abr.28-30.

## GLOBALIZAÇÃO

ASEL. *Ecumenismo, ética e pluralismo.* 23(316): mar./abr.6.

CARVALHO, Marcelo. *O nosso fórum e o desleixo.* 23(315): jan./fev.43-44.

DIAS, Zwinglio M. *A (des)intergração da América Latina.* 23(318): jul./ago.21-24.

FILIPPINI, Mabel. *Alca versus Mercosul.* 23(318): jul./ago.7-11.

GALLEGOS, Anastasio. *Novos atores sociais.* 23(318): jul./ago.12-14.

PROCÓPIO, Argemiro. *Estado, soberania e o Plano Colômbia.* 23(318): jul./ago.15-17.

## JUVENTUDE

FERRO, Fernando. *Fracassos oficiais convertem à droga e fortalecem o tráfico – entrevista.* 23(320) Suplemento: nov./dez.20-24.

IULIANELLI, Jorge Atílio Silva & FRAGA, Paulo Cesar Pontes. *Juventude e narcotráfico no submédio São Francisco.* 23(320) - Suplemento: nov./dez.2-15.

RUBEM ALVES. *Carta a um adolescente (sobre drogas).* 23(319): set./out.49-50.

VASINO, Adriano, Bispo. *Por uma Cultura da paz versus violência – entrevista.* 23(320) Suplemento: nov./dez.16-19.

## NARCOTRÁFICO

FERRO, Fernando. *Fracassos oficiais convertem à droga e fortalecem o tráfico – entrevista.* 23(320) Suplemento: nov./dez.20-24.

GALLEGOS, Anastasio. *Novos atores sociais.* 23(318): jul./ago.12-14.

IULIANELLI, Jorge Atílio Silva & FRAGA, Paulo Cesar Pontes. *Juventude e narcotráfico no submédio São Francisco.* 23(320) Suplemento: nov./dez.2-15.

KOINONIA. *Polígono da maconha presente: que pena!* 23(317): mai./jun.6.

PROCÓPIO, Argemiro. *Estado, soberania e o Plano Colômbia.* 23(318): jul./ago.15-17.

VASINO, Adriano, Bispo. *Por uma Cultura da paz versus violência – entrevista.* 23(320) Suplemento: nov./dez.16-19.

## POLÍTICA

FIORI, José Luís. *O triste fim da fronda tucana.* 23(318): jul./ago.32-34.

FÓRUM DE ENERGIA DO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL. *Um novo modelo energético é possível! Decálogo para encaminhar uma saída da crise de energia elétrica.* 23(317): mai./jun.43.

LONDRES, Flávia. *Factíveis os transgênicos?*

23(318): jul./ago.28-31.

MERCADANTE, Aloizio. *A privatização do setor elétrico.* 23(317): mai./jun.38-40.

SANTOS, Joel Rufino dos. *A esquizofrenia e a chantagem.* 23(318): jul./ago.35-36.

## QUESTÃO AGRÁRIA

ARRUTI, José Maurício. *Comunidades remanescentes de quilombos.* 23(319): set./out.25-29.

CAMPANHA PELA EMENDA CONSTITUCIONAL QUE LIMITA O TAMANHO DA PROPRIEDADE DA TERRA NO BRASIL. *Repartir a terra para multiplicar o pão.* 23(319): set./out.52.

OLIVEIRA, Jelson. *Terrorismo e reforma agrária no Brasil.* 23(320): nov./dez. 30-31.

PAIXÃO, Marcelo. *Raça e classe.* 23(319): set./out.7-12.

VAINER, Carlos B: VIEIRA, Flávia Braga: PINHEIRO, Daniele Carvalho. *Há que barrar as barragens.* 23(317): mai./jun.14-17.

VASINO, Adriano, Bispo. *Por uma Cultura da paz versus violência – entrevista.* 23(320) Suplemento: nov./dez.16-19.

## QUESTÕES DE NEGRITUDE

ARRUTI, José Maurício. *Comunidades remanescentes de quilombos.* 23(319): set./out.25-29.

GEBARA, Ivone. *A cor da pele e seus (dis)sabores.* 23(319): set./out.46-48.

GONÇALVES, José. *Conferência Mundial contra o Racismo.* 23(319): set./out. 42-45.

HERINGER, Rosana. *Estratégias recentes da luta contra o racismo.* 23(319): set./out.13-16.

PENNA FILHO, Pio. *Dilemas da integração no sul da África.* 23(319): set./out.38-41.

PINHO, Osmundo de Araújo. *Revolução afrodescendente do século XXI.* 23(319): set./out.17-21.

PINHO, Patrícia. *A África que se cria na Bahia.* 23(319): set./out.30-32.

SERRA, Ordep. *Monumentos negros.* 23(319): set./out.22-24.

THOMAZ, Osmar Ribeiro. *Brasil e África na virada do século.* 23(319): set./out.33-37.

## VIOLÊNCIA

BENJAMIN, César. *Geopolítica da vingança.* 23(320): nov./dez.27-29.

FERRO, Fernando. *Fracassos oficiais convertem à droga e fortalecem o tráfico – entrevista.* 23(320) Suplemento: nov./dez.20-24.

IULIANELLI, Jorge Atílio Silva & FRAGA, Paulo Cesar Pontes. *Juventude e narcotráfico no submédio São Francisco.* 23(320) Suplemento: nov./dez.2-15.

SANTOS, Joel Rufino dos. *A esquizofrenia e a chantagem.* 23(318): jul./ago.35-36.

TORRES-LONDOÑO, Fernando. *Colômbia: em busca da paz.* 23(316): mar./abr.34-36.

## OUTROS TEMAS

ALMEIDA, Eliene. *Amorim de. Educação e escolas indígenas.* 23(315): jan./fev.22-25.

LONDRES, Flávia. *Factíveis os transgênicos?* 23(318): jul./ago.28-31.

# Para superar a violência

A partir deste número, reservamos espaço para a divulgação de iniciativas e ações desenvolvidas por KOINONIA, Cese, Clai, Conic-Brasil, Ceca e Cesep, de acordo com os princípios e objetivos da Década para Superar a Violência.

KOINONIA participou do II FSM e, entre outras atividades, promoveu a Oficina **Territórios Negros**. O eixo principal da Oficina foi a discussão de estratégias para garantia dos direitos de posse e ocupação de terras de acordo com as tradições dos afrodescendentes, reunidos em comunidades rurais ou urbanas. Estiveram presentes representantes do Ministério Público, do movimento negro brasileiro, universitários, pesquisadores de diferentes universidades e religiosos. Durante a Oficina muitos contatos e intercâmbios foram iniciados, favorecendo o estabelecimento de uma rede entre os diversos atores sociais interessados no tema.

A AIN promoveu o seminário **Violência social e mecanismos de incidência**, entre 5 e 7 de março em Guatemala, cidade da Guatemala. KOINONIA esteve presente, juntamente com parceiros da AIN em toda América Latina e Caribe. O objetivo principal do evento consistiu em analisar a incidência da violência no Continente e partilhar ações de resposta que as organizações parceiras têm realizado, na tentativa de estabe-

lecer uma política comum da AIN que favoreça o intercâmbio.

KOINONIA promoveu, em parceria com o CLAI e o CONIC, o encontro **Aids e gênero**, com mais de oitenta mulheres cristãs – católicas, pentecostais, metodistas, presbiterianas, luteranas, batistas. Realizado em São José dos Campos, em abril de 2002, o evento enfatizou dois temas: **Mulher e auto-estima e Mulheres e Aids – formas de educação e prevenção**. Encontros semelhantes organizados pelos mesmos parceiros estão previstos para o segundo semestre do ano.

O CLAI – Secretaria para o Brasil – participou, durante o mês de abril, do processo de estruturação e fundação da seccional Londrina do Movimento Evangélico Progressista (MEP). O MEP trabalha principalmente com o tema **Evangélicos e Política**, abordando temas como violência urbana em suas atividades.

Juntamente com a Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABU), a Visão Mundial e outras entidades evangélicas, o CLAI lançou o Projeto



A DÉCADA PARA SUPERAR A VIOLENCIA É UMA GRANDE CONVOCAÇÃO PARA QUE AS PESSOAS DE BOA VONTADE E INSTITUIÇÕES SE UNAM MEDIANTE A DIGNIDADE HUMANA PARA O RESGATE DO PROFETISMO BÍBLICO: "A JUSTIÇA PRODUZIRÁ A PAZ" (ISAÍAS 32,17).

FALE, de circulação de cartões postais temáticos. Cerca de 10 mil cartões serão distribuídos a cada bimestre, com textos sobre temas como **violência, globalização, modelo econômico, pobreza**.

Com a participação de igrejas cristãs, entidades ecumênicas e expressões religiosas com presença no Rio Grande do Sul, o CECA promoveu, juntamente com KOINONIA e a CESE um seminário inter-religioso durante o II FSM sobre o tema **Visões e Caminhos de Religiões para a superação da Violência**. O evento contou com a participação de mais de trezentas pessoas, que freqüentaram o seminário durante dois dias. Entre os conferencistas estiveram presentes o rabino Henry Sobel e a teóloga budista Lia Diskin. Painéis com representantes de sete religiões distintas apontaram a preocupação de todos com a necessidade de uma ação conjunta contra a violência em suas diversas manifestações.

Com a participação de mais de trinta jejuantes, o CECA, ao lado de igrejas filiadas ao CONIC, participou de um **Jejum Ecumênico de**

**Solidariedade aos Povos do Mundo**, cuja mensagem final apontou para a necessidade de profunda mudança nas relações econômicas e sociais como único caminho para superar a fome e a miséria provocada pelas relações de dominação econômica. Os jejuantes estiveram durante os seis dias do II FSM partilhando sua experiência com diversos setores da sociedade civil, em palestras e orações.

O CECA vem trabalhando, desde 1998, na **Formação de Promotoras Legais Populares**, capacitando mulheres para ações de prevenção e denúncia da violência, especialmente da violência contra mulheres e meninas na Região do Vale dos Sinos, Rio Grande do Sul. Dentro deste projeto, estará realizando, de 20 de abril a 13 de julho deste ano, o IV Curso de Aprofundamento para melhor qualificação das promotoras populares que já estão atuando em suas comunidades.

A CESE tem apoiado grupos que buscam viabilizar um mundo **menos injusto e mais humano**. Dos 448 projetos apoiados no ano de 2001, 76 foram direcio-



nados à promoção dos direitos humanos. Entre outras iniciativas, destacam-se os apoios ao Movimento Nacional de Direitos Humanos (MNDH), ao Movimento dos Sem-Terra (MST) e aos movimentos femininos que combatem a violência doméstica e sexual.

**Em resposta às agressões do exército israelense à Palestina, a CESE fez circular entre parceiros do movimento ecumônico, igrejas e outros setores da sociedade civil, uma nota conclamando os líderes palestinos e israelenses a retomarem as negociações para restabelecimento da paz e cobrando do governo brasileiro uma postura mais ativa em relação ao conflito. O texto integral está disponível no site da CESE ([www.cese.org.br](http://www.cese.org.br)).**

O CESEP realizou em São Paulo (de 7 a 19 de janeiro) o XV Curso de Verão, com o tema **Producir a Esperança: Projeto de Sociedade e Utopia Do Reino**. Participaram 479 cursistas e mais 145 voluntários, divididos nas diversas equipes de serviços. O Curso de Verão é um projeto de formação ecumênica e popular, realizado em forma de mutirão pelo CESEP, para o qual contribuem várias entidades e instituições, dentre elas a PUC/SP, que cede

suas instalações e equipamentos para a realização do curso. Conta também com a colaboração de muitas mulheres e homens, jovens e adultos que, num gesto de solidariedade, dedicam, durante duas semanas, tempo e trabalho como voluntários para este projeto de formação, e ainda famílias e comunidades que generosamente hospedam cursistas procedentes de vários lugares do Brasil e também da América Latina, da Ásia e da África.

O CESEP está concluindo os preparativos para mais um **curso de ecumenismo**. Nos últimos oito anos o curso realiza-se em duas etapas de 15 dias para o Brasil, uma introdutória e outra de aprofundamento e um curso com um mês de duração, contemplando o conteúdo das duas etapas, com participantes do Brasil e da América Latina. Esta será a etapa de aprofundamento do Curso que teve início em 2001. Nesta segunda etapa, o enfoque será o diálogo inter-religioso. As seções do curso são: História das religiões; Teologia do diálogo inter-religioso; Evangelho e culturas; Painéis temáticos sobre religiões afro-brasileiras, judaísmo, islamismo, hinduismo e budismo; e ainda Espiritualidade no diálogo inter-religioso. O tema deste ano

**será Diálogo e Compromisso: Caminho para a justiça e a paz.** Entre 8 e 20 de julho de 2002 em São Paulo.

O CONIC participou das atividades do II FSM, em Porto Alegre, entre elas do seminário inter-religioso **Visões e Caminhos de Religiões para Superação da Violência**, voltado, antes de tudo, para testemunhar, diante do mundo marcado por divisões de toda ordem, "que a fé é um caminho de aproximação e solidariedade".

A Comissão Ecumônica Nacional (CENA), constituída para coordenar a Campanha Década para Superar a Violência, recebeu em fevereiro, o texto-base que poderá orientar os grupos na Campanha e fortalecer as atuais experiências positivas das igrejas, organismos ecumênicos, redes e movimentos que já se estão esforçando, diante da situação atual de nossa sociedade, para criar uma nova mentalidade de busca efetiva e concreta da PAZ. O texto pode ser adquirido, ao preço de R\$ 0,50 por exemplar, na Secretaria Executiva do CONIC.

**Geração da paz em um mundo de conflitos e violências é importante material produzido pelo RAIO com a participação atuante**

desde o início do CONIC. O lançamento se deu (24 de abril) por ocasião de uma reunião do Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED). Os objetivos do material são: (a) Facilitar aos educadores a inclusão do delicado e polêmico tema **Paz, Conflitos e Violência** no seu trabalho em sala de aula ou em ambientes educativos 'informais'; (b) Estimular e provocar jovens a refletirem sobre causas e consequências de conflitos e violências e sobre pequenas e grandes mudanças de comportamento, nos planos individual, social e político.

#### NOMES E SIGLAS

- AIN – Agência das Igrejas da Noruega
- CECA – Centro Ecumônico de Evangelização Capacitação e Assessoria
- CENA – Comissão Ecumônica Nacional
- CESE – Coordenadoria Ecumônica de Serviço
- CESEP – Centro Ecumônico de Serviço à Evangelização e Educação Popular
- CLAI – Conselho Latino-Americano das Igrejas
- CONIC – Conselho Nacional de Igrejas Cristãs
- II FSM – Fórum Social Mundial/2000
- KOINONIA Presença Ecumônica e Serviço
- RAIO – Recurso Audiovisual Interativo

# Corpus Christi

Tenho medo de morrer e ir para o céu. Eu me sentiria um estranho por lá. A Cecília Meireles pensava o mesmo. E se perguntava: "Depois que se navega, a algum lugar enfim se chega... O que será, talvez, até mais triste. Nem barca, nem gaivota: somente sobre-humanas companhias...". Também eu preciso de barcas e gaivotas, pois amo o mar e o ar. Sou um ser deste mundo e sinto que no meu corpo moram rios, árvores, montanhas e nuvens. Nenhum mundo além poderá consolar-me da sua perda. É certo que um espírito, por bem-aventurado que seja, não pode sentir o cheiro bom do capim gordura (que recém começa a florescer roxo nos campos). Para isso ele teria de ter um nariz. E nem pode sentir o vento frio das tardes de inverno, a lhe golpear o rosto. Ao que me parece, espíritos não têm pele. E (pobres) não podem jamais sentir o prazer de mergulhar no mar. Esta alegria animal está vedada aos espíritos, seres etéreos que, ao que consta, não sofrem os efeitos da gravidade (ou da gravidez). Sua leveza os protege de quedas de muros, mas lhes tira a alegria do mergulho. Saltam, e ficam flutuando no espaço.

Amo este mundo. Por isso não quero ir para o céu. Nietzsche sentia o mesmo. E até sonhou com o "retorno eterno" – voltarei sempre a este mesmo lugar, o único que conheço, das coisas materiais do cotidiano, que vão desde o café com leite e pão com manteiga, pela manhã, até a música de Bach e os céus estrelados, à noite. Isto, para não se falar nos prazeres do amor, que não podem subsistir sem o corpo. Pois precisam

Martha Braga



do encanto dos olhos que dizem: "Como é bom que você existe...". E do olfato, que percebe desde o "brabo cheiro bom de suor e graxa", a que Adélia Prado se refere, até o perfume de pêssego maduro que vem da flor do imperador, tão discreta, e que Guimarães Rosa declarou ser a mais querida. E os ouvidos? As serenatas (antigas), o "eu te amo" (eterno), os poemas – são

42

todos seres materiais, que não existem sem a física da fala. Não posso imaginar um som espiritual, embora se diga que os querubins tocam harpas e cantam. Sons precisam de bumbos, trombones, violinos, dedos, sopro, corpo: são coisas físicas, corpóreas. E fico preocupado com o destino de Bach e Beethoven, espíritos nos céus, para sempre separados dos bons instrumentos da terra onde tocaram a sua música.

Por isso me alegrei com esta festa de nome latino, *Corpus Christi*, em que a cristandade comemora, teimosa e inconsciente, o corpo de Cristo. Fosse a celebração da sua alma, confesso que fugiria. Almas do outro mundo, boas ou más, são assombrações que causam medo. Sei que há um dia que as celebra, o dia de "todas as almas", também chamado de dia de todos os santos, logo antes de finados. O que combina muito bem. A alma começa quando o corpo termina. Parece que acreditavam que as almas vagavam, penadas, por este mundo (dia das bruxas!), sofrendo e assombrando os vivos – que, nesse dia, faziam orações por sua eterna salvação nos céus, deixando livre a terra para as coisas materiais e boas que nela moram. Mas este dia, *Corpus Christi*, a se acreditar na tradição, diz que Deus, cansado de ser espírito, descobriu que o bom mesmo era ter corpo, e até se encarnou, segundo o testemunho do apóstolo. Preferiu nascer como corpo, a despeito de todos os riscos, inclusive o de morrer. Porque as alegrias compensavam. E nasceu, declarando que o corpo está eternamente destinado a uma dignidade divina. Curioso que os homens preferiram os céus, quando Deus prefere a terra. Lembro-me do espanto do chefe índio que escrevia ao presidente dos Estados Unidos e dizia não poder compreender as razões que levavam os

brancos a desejar, depois de mortos, ir morar num lugar muito longe da terra. Nós, ele dizia, precisamos do perfume dos pinheiros, do barulho da água, dos riachos, do cintilar da luz sobre a superfície dos lagos. *Corpus Christi*: divino é o pão e toda a terra onde cresceu, com a água que o fez germinar, e o vento que o acariciou, e o fogo que o cozeu. Divino é o vinho, alegria pura que dá asas ao corpo e o faz flutuar. Coisas do corpo: dentro dele cabe o universo. Não é à toa que a tradição fala não em imortalidade da alma mas em ressurreição do corpo. Afirmação de que a vida é bela e o divino se encontra nas coisas materiais mais simples. Como dizia Blake: "Ver a eternidade num grão de areia". Ou Fernando Pessoa: "Toda matéria é espírito". E assim, como e bebo as coisas deste mundo, corpo de Deus...



Esta crônica também pode ser lida no livro *Transparências da eternidade*.

Três pessoas discutem sobre futebol. Não estamos falando de um debate num programa esportivo, da mesa de um bar ou da saída do Maracanã num domingo de casa cheia, mas do grupo de pesquisa do CNPq Esporte e Cultura. Desde 1998, os pesquisadores Ronaldo Helal, Antonio Jorge Soares e Hugo Lovisolo vêm estudando o nosso nobre esporte bretão, assunto que não encontrava respaldo na Universidade por ser considerado alienante por boa parte dos cientistas sociais, algo que "distanciava o povo de suas 'preocupações verdadeiras'", como diz Lovisolo na introdução deste livro.

Este *A Invenção do País do Futebol*, composto de ensaios críticos enriquecidos por visões discordantes sobre um tema apaixonante, é, portanto, o resultado do esforço dos seus autores de discutir o futebol e suas implicações na vida social brasileira, sua importância nos processos de construção de identidade, e seu posicionamento nas relações de poderes nos meios de comunicação de massa e na indústria do entretenimento que se forma em escala planetária, movimentando milhões de corações e dólares.

Ao combinar análises de textos de Mário Filho, Eduardo Galeano e Graciliano Ramos com o estudo do papel do jornalismo e da mídia, com suas narrativas míticas sobre os nossos heróis dos gramados, na representação do futebol que somos e do que gostaríamos de ser este livro, polêmico e atual, é leitura fundamental para os que se interessam pela história do esporte mais popular no Brasil.



## A INVENÇÃO DO PAÍS DO FUTEBOL

### Mídia, raça e idolatria

RONALDO HELAL, ANTONIO JORGE SOARES, HUGO LOVISOL

Editora Mauad

# O CONFLITO DO ORIENTE MÉDIO E O MST

Diante da grave situação do conflito do Oriente Médio, envolvendo o Estado de Israel e o Povo Palestino, e da repercussão internacional da presença de um dirigente do Movimento dos Sem-Terra (MST) – o companheiro Mário Lill –, e de outros dirigentes da Via Campesina, entre os dirigentes da Autoridade Nacional Palestina, esclarecemos:

## SOBRE A VIAGEM

- Desde sua origem, o MST tem priorizado uma política de solidariedade e de intercâmbio de conhecimentos e experiências com todos os povos. Já em anos anteriores, com esses objetivos, o MST enviou delegações a Israel onde, graças à solidariedade daquele povo, obtivemos significativo aprendizado em projetos de irrigações para regiões semi-áridas.
- A delegação da Via Campesina, composta por membros de diversas organizações, de diferentes países, foi ao Oriente Médio com o objetivo de prestar solidariedade aos camponeses de Israel e da Palestina. A visita à região, decidida durante o 2º Fórum Social Mundial, foi marcada para coincidir com o Dia da Terra, celebrado pelos palestinos.
- A visita coincidiu com o agravamento do conflito, numa escalada de violência sem precedentes, promovido pelo exército de Israel contra o povo palestino. Violência que tem como principal causa, a continuada e crescente ocupação israelense das terras da Cisjordânia e da faixa de Gaza.
- Diante dos fatos de que o povo palestino está sendo vítima de crimes contra a humanidade, não podíamos ser coniventes, calando-nos ou repetir a covarde postura da maioria dos governos – inclusive o do Brasil – ante a política militarista e de violação dos Direitos Humanos promovida pelo governo de Ariel Sharon, de Israel, com a complacência e apoio ilimitado do presidente George W. Bush, dos Estados Unidos da América. Por isso, decidimos, entre todos os membros da delegação da Via Campesina, prestar nossa solidariedade ao povo palestino, juntando-nos ao grupo de dirigentes da Autoridade Nacional Palestina, cercados pelos tanques de guerra do governo israelense.

## SOBRE O CONFLITO

- Repudiamos a política do governo de Ariel Sharon que, traindo as tradições humanistas judaicas de respeito à vida e à dignidade de qualquer ser humano, tem

semeado desespero e morte tanto entre os palestinos quanto entre os israelenses, como denunciou o judeu Sérgio Yahni (mantido preso por recusar-se a reingressar no exército de Israel para reprimir os palestinos).

- Repudiamos a política do governo de George W. Bush que, aproveitando-se dos acontecimentos de 11 de setembro/2001, promove, com a força de suas armas, uma ofensiva imperialista, gerando insegurança e ameaças contra todos os povos que se opõem aos seus interesses.
- Repudiamos a tímida e hesitante política da maioria dos países — principalmente dos governos europeus — diante do genocídio que o governo de Ariel Sharon está promovendo contra a Nação Palestina e ante a ofensiva militarista dos Estados Unidos que, praticamente, instaurou um Estado de Sítio planetário.
- Apoiamos e nos solidarizamos com o povo palestino, que está sendo vítima de um verdadeiro genocídio, na luta pelo direito a um Estado livre e soberano e contra a ocupação do seu território, promovida pelo governo de Israel.
- Apoiamos e nos solidarizamos com o povo israelense, também vítima da violência gerada pela insana agressão, opressão e humilhação que o exército do seu país vem promovendo contra a Nação Palestina. Apoiamos a existência do Estado de Israel, respeitadas as fronteiras anteriores à guerra de 1967.
- Apoiamos e nos solidarizamos com as manifestações populares, de israelenses e palestinos, cada vez maiores, que buscam a paz na região, na construção de uma convivência pacífica entre os dois povos, baseada no respeito mútuo. Nossa solidariedade e apoio, de modo especial, à luta dos oficiais e soldados israelenses que se recusam a integrar o exército para reprimir o povo palestino em seu território.
- Defendemos o imediato fim da ofensiva militar do exército israelense em território palestino, recuando às fronteiras existentes antes da guerra de 1967, e a imediata implementação das Resoluções 242 e 243 da ONU, assegurando a existência de dois Estados livre e soberanos.

Não acreditamos que a força das armas trará a paz. Acreditamos que ela será resultante do mútuo respeito e da justiça. Acima de tudo, acreditamos, como escreveu o israelense Amos Oz, que os povos que lutam por sua liberdade, por sua terra e por sua vida serão vitoriosos, sempre!

Direção Nacional do MST

São Paulo, 8 de abril de 2002.